



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

CIDIA DANIELA DE OLIVEIRA PIRES

**GÊNESE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA DE 1947 a 1959**

Salvador
2007

CIDIA DANIELA DE OLIVEIRA PIRES

**GÊNESE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA DE 1947 a 1959**

Orientadora: Professora Dra. Cristina Maria Meira de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem da
Escola de Enfermagem da
Universidade Federal da Bahia.

Salvador
2007

CIDIA DANIELA DE OLIVEIRA PIRES

**GÊNESE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA DE 1947 a 1959**

Trabalho de Conclusão do Curso para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem da
Universidade Federal da Bahia. Aprovado em 10 de dezembro de 2007.

Cristina Maria Meira de Melo (Orientadora) _____
Doutora em Saúde Pública e Professora da Escola de Enfermagem da Universidade
Federal da Bahia.

Ronaldo Ribeiro Jacobina _____
Doutor em Saúde Pública e Professor da Faculdade de Medicina da Universidade
Federal da Bahia.

Marisa Correia Hirata _____
Mestre em Enfermagem e Professora da Escola de Enfermagem da Universidade
Federal da Bahia.

Salvador
2007

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, com a coleta de dados através da técnica de história oral e documental. Tem como objetivo analisar a emergência do movimento estudantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (Eeufba) da fundação do Diretório Acadêmico (DA) ao final da década de 50. A escolha desse tema se justifica pelas indagações emergidas no Diretório Acadêmico na busca de informações sobre a origem do movimento estudantil nessa Escola. O interesse foi influenciado também por outras entidades estudantis preocupadas em pesquisar e documentar a história dos movimentos no âmbito universitário, dado que o tema carece de registros. Os dados foram coletados por meio das Atas do Diretório Acadêmico, da consulta dos periódicos da época e das entrevistas realizadas em duas etapas através da História Oral. Para as entrevistas foi construído o roteiro individual com a finalidade de levantar desde informações pertinentes à identificação pessoal até a participação no Diretório Acadêmico. A segunda etapa caracterizou-se pelo desenvolvimento do roteiro geral constando da cronologia dos fatos registrados nas Atas do Diretório Acadêmico no período compreendido por este estudo. Para a análise foram identificadas as seguintes categorias: perfil das militantes, escolha da profissão, significado da associação e Diretório Acadêmico, fundação, estatuto, relação com a direção da Escola de Enfermagem, caracterização das ações, participação no movimento estudantil geral e pauta das reuniões. A narrativa das personagens evidenciou que o DA compartilhava dos mesmos propósitos da direção da Escola de Enfermagem, legitimando as regras por ela impostas e divulgando para a sociedade baiana o novo curso, no sentido de desconstruir os conceitos e representações inerentes ao surgimento da profissão. Ao contrário do que ocorria em outras unidades da Ufba e no Brasil, onde as lutas gerais dos estudantes eram pela autonomia do País e em defesa do ensino público, as estudantes de enfermagem não se envolviam com os movimentos externos à Escola, reafirmando o papel atribuído às mulheres na época e confirmando uma posição de alienação das alunas membros do Diretório ao contexto social vivido.

Descritores: história, movimento estudantil, enfermagem.

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la (...).

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado (...).

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara.

Antônio Cícero

LISTA DE SIGLAS

Euufba - Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
DA - Diretório Acadêmico
Ufba - Universidade Federal da Bahia
EUA - Estados Unidos da América
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
JK - Juscelino Kubitschek
UDN - União Democrática Nacional
FMI - Fundo Monetário Internacional
ONU - Organização das Nações Unidas
UNE - União Nacional dos Estudantes
CBE - Casa dos Estudantes do Brasil
PSB - Partido Socialista Brasileiro
CAD - Coligação Acadêmica Democrática
UME - União Metropolitana de Estudantes
USP - Universidade de São Paulo
UEB - União dos Estudantes da Bahia
JUC - Juventude Universitária Católica
MEB - Movimento de Educação de Base
MFC - Movimento Familiar Cristão
DCE - Diretório Central dos Estudantes
Abed - Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MUNDO, CULTURA E COMPORTAMENTO	10
2.1 O CONTEXTO DA AÇÃO ESTUDANTIL	11
2.2 O BRASIL DA ÉPOCA	12
2.2.1 A Situação da Saúde	14
2.3 A UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE 1947 a 1959	15
2.4 A ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	19
2.4.1 A Organização Política na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia	21
3 METODOLOGIA	23
3.1 AS PERSONAGENS	23
3.2 AS ENTREVISTAS	24
3.3 AS ATAS DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DA BAHIA	25
3.4 OS JORNAIS	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	48

1 INTRODUÇÃO

Na universidade, os Centros e Diretórios Acadêmicos se constituem como espaços legitimados para o primeiro contato do estudante com o movimento estudantil. A vivência neste ambiente, fora da sala de aula, propicia a identificação e o entendimento de fatores e problemas do contexto social, permitindo ao estudante conhecer sua realidade. Além disso, amplia-se a compreensão do papel e da prática da futura profissão.

A partir dessa compreensão é que se toma como objeto de estudo a gênese do movimento estudantil em enfermagem, tomando como lugar a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (Eeufba).

Esse estudo se justifica pelas indagações emergidas no Diretório Acadêmico (DA) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia ao se buscar informações sobre a origem do movimento estudantil de enfermagem. O interesse em desenvolver esse estudo foi influenciado também por outras entidades estudantis, preocupadas em pesquisar e documentar a história dos movimentos no âmbito universitário. Ademais, o tema ainda carece de registros tanto na Bahia quanto em outros estados do País.

É fundamental esclarecer que inexistente trabalho anterior semelhante. A pesquisa passa a ter um significado inédito quando se quer conhecer o movimento estudantil da Eeufba e a gênese da universidade entre os baianos. Costumes e modos de fazer política ganham novos contornos através do tempo e permitem outras configurações da vida universitária.

Soma-se a isto a militância da autora no movimento estudantil durante todo curso de graduação. Esta militância contribuiu na formação de uma consciência crítica, o que motivou, entre outras coisas, a conhecer a história do DA. Além disso, é seguro afirmar que o conhecimento histórico permite compreender que cada episódio da vida cotidiana não está determinado, ele é fruto das ações dos sujeitos na História.

O Diretório Acadêmico da Eeufba surgiu após um ano da criação do primeiro curso de Enfermagem da Bahia e terceiro do Brasil, em 1947. No mesmo ano foi criada a Universidade da Bahia, atualmente Universidade Federal da Bahia (Ufba), no bojo de uma série de mudanças na sociedade brasileira, advindas do processo de industrialização iniciada no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra.

Na época da criação da Ufba a inserção feminina no ensino superior era bastante reduzida. As mulheres que tinham acesso ao estudo superior provinham, em sua maioria, das camadas mais ricas da sociedade baiana. Segundo Conceição (2004, p. 31) “o curso de enfermagem foi criado como um curso para mulheres e até 1985 permanece com apenas seis homens”.

Se no começo havia menos politização das estudantes da Eeufba, isto se explica, entre outros motivos, pela estreita relação de poder entre a Escola de Enfermagem com o reitorado da época, dado que esta foi um projeto considerado como pessoal do reitor Edgar Santos. Além disso, era patente o reduzido poder político feminino no contexto da sociedade da época.

O desejo de resgatar a história do DA enveredando pela sua gênese, e transformá-la em memórias, propiciou compreender as práticas políticas dos seus membros e sua relação no contexto do surgimento da primeira Escola de Enfermagem da Bahia e das transformações ocorridas no Brasil no período estudado.

Para nortear o estudo foi formulada a seguinte questão: Como ocorreu o movimento estudantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, da fundação do Diretório Acadêmico ao final da década de 1950?

Diante da questão norteadora, o estudo tem como objetivos:

Geral:

- Analisar a emergência do movimento estudantil da Eeufba quando da fundação do Diretório Acadêmico ao final da década de 50.

Específicos:

- Reconstituir o contexto sócio-político e cultural da época da fundação do Diretório Acadêmico.
- Identificar o perfil das militantes do movimento estudantil.
- Analisar a participação das militantes nas lutas estudantis no período estudado.

2 MUNDO, CULTURA E COMPORTAMENTO DOS JOVENS

Em 1947, logo após o fim da II Grande Guerra teve início a Guerra Fria. Este conflito era polarizado entre as duas superpotências: Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A primeira liderava o bloco capitalista, enquanto a segunda dirigia o grupo socialista. O embate entre esses países ocorria nos campos da política, da indústria da guerra, da economia e do confronto ideológico sobre as demais nações (BRANDÃO, DUARTE, 1954).

A difusão da ideologia norte-americana em solo brasileiro teve início na década de 1950. Vários países, dentre eles o Brasil, em processo de industrialização e crescimento urbano copiavam o estilo de vida americano (BRANDÃO, DUARTE, 1954). Os Estados Unidos, através de sua sede por novos mercados e aliados propagaram a necessidade do consumo, disseminando o *american way of life* (NASCIMENTO, 1999).

Essa influência é intensificada no governo Juscelino Kubitschek (1956-1960), cuja política econômica favorecia a entrada de capital estrangeiro através das multinacionais e no financiamento de projetos nacionais. Isto, por outro lado, provocou a ampliação da classe média urbana, a expansão dos meios de comunicação de massa, em especial a televisão, assim como resultados desanimadores como o crescimento da dívida externa e o aumento da inflação. A soma destes fatores contribuiu para o aprofundamento da presença norte-americana no Brasil, principalmente na música, na literatura e no cinema (BRANDÃO, DUARTE, 1954).

Nessa mesma época, o papel social hegemônico era que a mulher deveria casar, cuidar da casa, do marido e dos filhos. Desse modo, poucas entravam nos cursos universitários, que nesse caso eram chamados de cursos para esperar o marido. Em Salvador, os cursos com mais mulheres eram os da Faculdade de Filosofia. Nos meados da década de 50 essas relações começavam a ser contestados pelos jovens, principalmente por aqueles de segmentos sociais mais elevados (NASCIMENTO, 1999).

Esse também era o debate do movimento feminista, espécie de força política internacional das mulheres, que já existia desde a metade do século XIX. O movimento defendia os direitos de gênero das mulheres e questionava as práticas culturais e políticas estabelecidas historicamente para elas. Além disso, quebrava a dicotomia entre o espaço público e o privado, levando as mulheres a refletirem sobre o caráter político

da sua opressão, vivenciado de maneira isolada na vida doméstica e familiar. Concomitantemente, o feminismo destacava a importância de se construir novos conceitos, novas práticas e dinâmicas no âmbito do público (COSTA, 2005).

Até a década de 70 do século XX o movimento feminista, em linhas gerais, apresentava um caráter conservador. No que pese o questionamento da divisão sexual do trabalho, eram reforçados os “papéis, estereótipos e tradições na medida em que utilizavam as idéias e representações das virtudes domésticas e maternas como justificativa para suas demandas” (COSTA, 2005, p. 13). A partir dali, o feminismo tomava um rumo mais engajado, fruto principalmente das lutas de resistência às ditaduras e da inserção de um número significativo de mulheres no mercado de trabalho. A modernização da sociedade, acompanhada de uma evolução no setor educacional, foi fundamental para entender como se processava a mudança do comportamento feminino sobre determinados problemas da sociedade, o que deve ter influenciado os movimentos sociais, dentre eles o estudantil.

2.1 O CONTEXTO DA AÇÃO ESTUDANTIL

De acordo com Foracchi (1972) o movimento estudantil no âmbito da universidade surge da reunião de três fatores: necessidade de independência e auto-expressão, características dessa fase da vida; reação à autoridade, seja ela definida pela geração, categoria social ou sistema de dominação; e por fim, a não aceitação dos padrões convencionais de comportamento adulto.

Segundo a mesma autora, é no cotidiano acadêmico que estas questões são potencializadas. A universidade permite aos jovens espaços de participação e compromissos com outros que vivem os mesmos problemas. Nesse sentido, possibilita a construção de alternativas e compromissos para a fase.

Essa insatisfação é canalizada pela participação política. A formação política do jovem acontece geralmente fora das salas de aula, pois a rigidez das obrigações escolares inibe a socialização e a participação em outros setores da universidade. É nos grupos juvenis formados na academia que ocorrem as discussões político-ideológicas. Esses espaços geralmente são constituídos por estudantes das camadas médias da sociedade. Empenhados em contestar o estabelecido, optam, na sua maioria, pelos cursos das áreas de ciências humanas e sociais (FORACCHI, 1972). É flagrante a diferença com o pessoal da área de saúde e ciências exatas. Em enfermagem, as ações,

quando ocorrem, vêm principalmente através do Diretório Acadêmico, que também sofre com a falta de iniciativa das estudantes do curso.

Antes de detalhar sobre a parte da história do movimento estudantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia é necessário recordar determinados elementos que compunham o contexto social, político, econômico do Brasil no período em estudo, isto é, de 1947 a 1959.

2.2 O BRASIL DA ÉPOCA

Após a derrubada do Estado Novo (1937-1945) - regime ditatorial sob o comando de Getúlio Vargas - assumiu provisoriamente a presidência da República João Linhares. Para o período de 1946 a 1951 foi eleito presidente o Marechal Eurico Gaspar Dutra, ex-ministro da Guerra no supracitado regime.

O Governo Dutra foi caracterizado por uma política econômica liberal principalmente no que pese a importação de bens e pelo arrocho salarial. Ele acreditava que o controle estatal era nocivo para o desenvolvimento do País. Na prática, esse modelo fracassou, o que fez o governo mudar de política e estabelecer critérios para a importação, isto é, somente para itens essenciais como maquinaria e combustíveis. Em consequência, havia um estímulo à produção para o mercado interno, favorecendo o crescimento da indústria nacional. Ainda no governo Dutra começou a repressão ao Partido Comunista Brasileiro com o fechamento em série de sindicatos sob influência dos comunistas (FAUSTO, 2002).

No âmbito externo, tinha início a Guerra Fria - confronto político, militar, econômico e ideológico entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os seus respectivos aliados (BRANDÃO, DUARTE, 1954). O governo brasileiro assumiu posição e rompeu com a URSS, e por outro lado estreitou os laços com os Estados Unidos, o que predominou nos anos seguintes (FAUSTO, 2002).

Dutra foi sucedido por Getúlio Vargas, que voltou a ocupar a presidência da República. Apoiado por alguns partidos e a ala nacionalista das forças armadas venceu as eleições presidenciais de 1950. Tomou posse em 31 de janeiro do ano seguinte (FAUSTO, 2002).

Naquele período, governando sob o regime democrático, o mandato de Vargas foi caracterizado por várias medidas nacionalista: o controle da remessa de lucros para o

exterior, prosseguimento ao projeto de indústria nacional, elevação do salário mínimo para 100%, além da criação da Petrobrás (FAUSTO, 2002).

Apesar dos esforços para dinamizar a economia, Vargas enfrentou o avanço da inflação, responsável pelo aumento do custo de vida dos trabalhadores. Em 1953 teve início uma série de greves, alimentadas pelo movimento sindical que neste período voltava à legalidade, assim como os comunistas. Para contornar este quadro de insatisfação, Getúlio nomeou para o ministério do Trabalho João Goulart, que atendeu a maioria das reivindicações dos grevistas. Ainda como ministro, Goulart apresentou a proposta de aumento de 100% no salário mínimo (FAUSTO, 2002).

Getúlio prosseguiu no mandato assumindo uma política nacionalista e populista, desencadeando uma insatisfação generalizada entre os conservadores. As fortes pressões de seus opositores, a maioria dos integrantes da União Democrática Nacional (UDN); partidos menores; grande parte da imprensa (em especial o jornalista Carlos Lacerda) e uma parcela dos militares levaram Getúlio Vargas ao suicídio (FAUSTO, 2002).

Após esse fato, uma multidão saiu indignada às ruas, atingindo os alvos antigetulistas. Para os trabalhadores, Vargas representava o homem que ouvia o povo e era o responsável pela implantação das leis trabalhistas (FAUSTO, 2002). Assumiu a presidência o então vice-presidente Café Filho, que durante os meses da crise passou para a oposição. Em 1955 foram realizadas as eleições presidenciais, com as vitórias de Juscelino Kubitschek para presidente e João Goulart para vice (FAUSTO, 2002).

Ao contrário da política nacionalista de Getúlio, Juscelino procurou atingir o desenvolvimento nacional de outra maneira. Para isso o país precisava viabilizar uma política econômica combinando ações do próprio Estado, da empresa nacional privada e do capital estrangeiro, com ênfase na industrialização (FAUSTO, 2002).

Como parte da política econômica, Juscelino estabeleceu o Programa de Metas priorizando os seguintes setores: energia, transportes, alimentação, indústrias de base, educação e a construção de Brasília. Os resultados desse programa contagiaram de otimismo os brasileiros, porém esse clima não durou muito. Logo depois veio o aumento da inflação, como consequência dos gastos com a construção de Brasília e com os aumentos salariais do funcionalismo, além do crédito fácil concedido ao setor privado, dentre outros fatores (FAUSTO, 2002).

Para tentar estabilizar a situação, Juscelino consultou o Fundo Monetário Internacional (FMI), agência vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU). A orientação era direcionada para que os países fizessem cortes de gastos, medidas que

muitas vezes levam à recessão e ao desemprego. As pressões impostas ao presidente pelos nacionalistas, comunistas e a oposição levaram o governo em 1959 a romper com o FMI (FAUSTO, 2002).

Em 1960 ocorreu a sucessão presidencial. No entanto, na memória dos brasileiros o governo Juscelino é lembrado como um período de otimismo e grandes realizações, dentre elas a construção de Brasília (FAUSTO, 2002).

2.2.1 A Situação da Saúde

No início do século XX havia um aumento crescente nas chamadas doenças de massa. Dentre elas a malária, as parasitoses, a esquistossomose, a doença de Chagas, a tuberculose, a hanseníase, as doenças infecciosas gastro-intestinais e a desnutrição. O aparecimento dessas doenças estava relacionado às condições de vida e trabalho da população. A melhoria desse quadro se tornava fator condicionante para o controle daquelas patologias. Surgiam também as doenças degenerativas - cardiovasculares, do sistema nervoso central, endócrinas e neoplasias - comuns nas pessoas com melhores condições de vida. Para essas patologias era exigido um investimento elevado, tanto para assistência médica como para a pesquisa de novas terapias (SINGER; CAMPOS; OLIVEIRA, 1978).

Uma série de campanhas foram desenvolvidas tendo como finalidade a eliminação das doenças de massa. A partir da década de 50 o Brasil participava da campanha internacional para erradicação da malária coordenada pela Organização Pan-Americana de Saúde. Para o tratamento da tuberculose somente em 1952 era introduzida uma medicação eficaz no combate à patologia (SINGER; CAMPOS; OLIVEIRA, 1978).

Nesse período, os serviços de saúde já abrangiam grande parcela da população. Para atender as novas demandas de ações, foram instituídos diversos órgãos como o ministério da Saúde em 1953. Além das funções normativas e executivas, era responsável pela formação e aperfeiçoamento de pessoal. É importante salientar que as ações da saúde pública eram de competência das instituições governamentais (SINGER; CAMPOS; OLIVEIRA, 1978).

Ocorria também um aumento no número de escolas de medicina, em especial a partir de 1950 e crescia também a especialização para higienista e sanitarista. Nas décadas de 40 e 50 era o Departamento Nacional de Saúde que formava profissionais,

técnicos e auxiliares, função depois conduzida pela Escola Nacional de Saúde Pública (SINGER; CAMPOS; OLIVEIRA, 1978).

Para o Brasil a necessidade do controle das doenças de massa foi determinante para a criação dos cursos de enfermagem a partir de 1923. Na Bahia, a necessidade de apoio ao Hospital das Clínicas foi o elemento impulsionador da criação da Eeufba, dado que relatos de professoras de gerações anteriores afirmarem que o reitor Edgard Santos considerava que o hospital, para ser moderno deveria ter um serviço de enfermagem organizado e com a mesma posição hierárquica do serviço médico. Não é sem razão que na estrutura organizacional do Hospital das Clínicas da Bahia, a Divisão de Enfermagem, tem o mesmo lugar na linha hierárquica da Diretoria Médica. Isso tudo, dentro de um quadro de modernização que se assentava nacionalmente, revelando assim que a criação desses cursos esteve sempre atrelada às exigências do contexto sócio-econômico brasileiro. Outro ponto é que se mudava o perfil do profissional de enfermagem. Se antes não se exigia qualificação para as mulheres que desempenhavam o serviço de cuidar dos doentes, passa-se a uma cobrança de maior escolaridade e competência, regulando a atividade leiga para tornar-se uma nova profissão. Para isso as escolas buscavam atrair as estudantes das camadas sociais e econômicas privilegiadas, pensando transportar para a nova profissão o *status* social e refinamento das próprias alunas.

2.3 A UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE 1947 a 1959

Anterior a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE) a entidade representativa dos estudantes era denominada Casa dos Estudantes do Brasil (CEB), um órgão para oficial e que se isentava das discussões políticas.

A superação dessa realidade ocorre em 1937, após a realização do I Conselho Nacional de Estudantes, que tinha como objetivo a votação de um regimento e de uma nova diretoria. Mas a UNE, que politicamente representaria de fato os estudantes, surge em dezembro de 1938, no II Conselho Nacional dos Estudantes, que conta com a presença maciça de estudantes exigindo a politização da sua entidade máxima.

Logo após o fim do Estado Novo ocorreu um refluxo dos estudantes udenistas, como eram chamados os militantes da União Democrática Nacional (UDN) para o Partido Socialista Brasileiro (PSB). O fato desencadeou o predomínio desse partido na UNE no período de 1947 a 1950, com o apoio dos comunistas (POERNER, 1968).

Em 1947, no X Congresso da UNE era eleito presidente da entidade o estudante socialista Roberto Gusmão. No mesmo ano a UNE lançava uma campanha em defesa do patrimônio territorial e econômico, com foco no monopólio estatal do petróleo e na luta pela criação da Petrobrás (MENDES JR, 1981).

A campanha intitulada como O Petróleo é Nosso foi lançada no Rio de Janeiro por Roberto Gusmão. Em São Paulo esta tarefa coube a Rogê Ferreira, presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto. Para se ter a dimensão deste movimento, o mesmo autor comenta que esta foi “uma das mais formidáveis mobilizações de opinião pública já ocorrida no Brasil, contando com o apoio de amplos setores populares, desde trabalhadores e intelectuais até militares da ala nacionalista do Exército” (MENDES JR, 1981, p.20). Em resposta a esta agitação do movimento estudantil, intensificou-se a repressão policial a este, o que caracterizou o Governo Dutra como um dos mais repressores dos estudantes (MENDES JR, 1981).

Ainda em 1947, a UNE protestava contra o fechamento do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a cassação dos mandatos dos seus parlamentares. Em carta elaborada nessa ocasião, a entidade se posicionava em defesa dos princípios básicos da democracia e condenava a situação imposta ao PCB (MENDES JR, 1981), demonstrando assim o engajamento do movimento estudantil para além das reivindicações específicas.

Em 1948, o XI Congresso da UNE elegia como seu presidente o pernambucano Genival Barbosa. Além de dar continuidade à campanha pela nacionalização do petróleo, a entidade desenvolvia a luta contra o aumento das passagens do transporte coletivo no Rio de Janeiro (MENDES JR, 1981). Nesse mesmo ano a UNE sofria nova retaliação pelo governo. Sua sede era pela primeira vez invadida por ocasião do Congresso da Paz e durante as manifestações acima citadas (POERNER, 1968).

A Bahia sedia o XII Congresso da UNE em 1949, considerado como um dos mais tensos segundo Poerner (1968). Neste Congresso disputava a direção da entidade Rogê Ferreira e um grupo formado por estudantes de uma organização fascista - Coligação Acadêmica Democrática (CAD) - que ameaçava os outros estudantes através da força física. Por fim, as pressões e intimidações, naquele momento, foram suplantadas pela vitória de Rogê Ferreira (POERNER, 1968). Apesar da derrota, a CAD iniciou campanha maciça de oposição aos organismos estudantis de esquerda, contando para isso com auxílio governamental brasileiro e estadunidense. O Departamento de Estado dos Estados Unidos além de financiar a CAD facilitava o intercâmbio entre

estudantes brasileiros e norte-americanos, que atuavam como agentes disseminadores das idéias imperialistas daquele país (MENDES JR, 1981).

Conclui o mandato de Rogê Ferreira o estudante José Frejat, encerrando a fase do Partido Socialista Brasileiro (PSB) na UNE. Ainda nesse período, um dos resultados importantes da luta estudantil foi a conquista da gratuidade do ensino universitário (POERNER, 1968).

Em julho de 1950, na capital paulista, teve início a fase direitista na UNE, que perdurou até 1956, com a eleição do estudante Olavo Jardim Campos, de Minas Gerais para presidente em 1951, no XV Congresso da UNE. Conforme Mendes Jr. (1981, p. 21) “a UNE viveu até 1956 sob o controle de forças extremamente retrógradas e a serviço do imperialismo norte-americano”.

É importante assinalar que, por forte influência estadunidense, desde o Congresso da Bahia, quem de fato dirigia a entidade no ano de 1951 era a estudante norte-americana Helen Rogers (MENDES JR, 1981).

Além disso, ocorreu um declínio na participação política estudantil, principalmente de 1952 a meados de 1954. Em razão desta nova conjuntura, a campanha do O Petróleo é Nosso perdeu força (POERNER, 1968)

O declínio da fase direitista na UNE começou após a tentativa do grupo udenista, que liderava a entidade, de derrubar o governo Vargas. Contava para isto com o apoio e a participação do então presidente, eleito em julho de 1954, o estudante Cunha Neto (POERNER, 1968).

Cunha Neto, ao descobrir o envolvimento e o interesse das diversas forças políticas, impulsionadas por valores privados, se opôs à conspiração antigetulista. Houve reação da direita, especialmente do governo Café Filho que desencadeou intensa campanha contra o estudante. Todavia o mesmo saiu fortalecido pelo apoio da ala progressista da UNE (POERNER, 1968).

O suicídio de Vargas em 1954, as eleições presidenciais de 1955 e o golpe de 11 de novembro para assegurar a posse de Juscelino Kubitschek (JK) na presidência da República movimentaram a comunidade universitária da época (NASCIMENTO, 1999). Mas a UNE foi, de fato, reconquistada pelos estudantes progressistas em 1956, com as manifestações contra o aumento nas passagens de bonde lideradas pela União Metropolitana de Estudantes (UME). Em julho do mesmo ano, foi eleito como seu presidente José Batista de Oliveira Júnior (POERNER, 1968).

O governo JK destacou-se pela criação de Brasília, fundada em abril de 1960, e pelo desenvolvimento industrial do país através do seu plano quinquenal, expresso no *slogan* de fazer um governo cujos resultados significassem o trabalho de 50 anos em 5. Influenciado pela ala antinacionalista do seu governo, desencadeou insatisfação, especialmente estudantil (NASCIMENTO, 1999).

Durante o governo JK diversas vezes os estudantes demonstraram repulsa às autoridades norte-americanas. Os resquícios da política nacionalista de Vargas levaram a UNE a defender a bandeira contra o entreguismo. O termo era entendido pelos estudantes e setores da esquerda como uma abertura exagerada do Brasil aos interesses dos Estados Unidos e ao capital estrangeiro (NASCIMENTO, 1999).

Em 1957, no XX Congresso da UNE, Marcos Heusi foi eleito presidente dando início a um programa nacionalista na entidade, e dentre suas bandeiras destacou-se a:

Defesa da indústria nacional, manutenção do monopólio estatal do petróleo e sua extensão a indústria petroquímica, prioridade das indústrias brasileiras nas realizações de obras governamentais, incentivo à produção cinematográfica, à imprensa, rádio, televisão, reforma agrária [...] (MENDES JR, 1981, p. 22).

Sua gestão foi responsável pela campanha contra a instalação da indústria norte-americana American Can, que pretendia acabar com a produção nacional de lataria (MENDES JR, 1981).

Mais tarde, na gestão de Raimundo Eirado, eleito no XXI Congresso da UNE, os estudantes se manifestaram pela deposição de Roberto Campos da superintendência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que apoiava os interesses estrangeiros. Estes protestos levaram Juscelino Kubitschek a demitir Roberto Campos (MENDES JR, 1981).

No XXII Congresso da UNE, em 1959, João Manuel Conrado elegeu-se presidente. Nesse período, destacou-se a luta da entidade contra o projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que acabava com o ensino público e gratuito e promovia o crescimento das instituições privadas (MENDES JR, 1981).

Toda essa movimentação parecia distante e ressoava com pouco interesse na vida das estudantes da recém criada Escola de Enfermagem da Ufba, como será explícito na análise.

2.4 A ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A criação da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia (denominada assim até 1965, quando se tornou Universidade Federal da Bahia), foi idealizada e edificada no reitorado de Edgar Santos (FERNANDES, 2001).

Nesse período, o Brasil experimentava o crescimento da urbanização e da industrialização, que foram responsáveis pelo desenvolvimento de diversos setores, incluindo a saúde. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a tendência era o desenvolvimento da enfermagem hospitalar, mesmo com a carência de enfermeiras de saúde pública. O poder público, ciente da necessidade de aumento do número de enfermeiras, investia na criação de cursos no país, determinando a “abertura de escola de enfermagem em Centro Universitário ou sede de Faculdade de Medicina e o apoio financeiro para a manutenção das escolas” (PASSOS, 1996, p. 81).

Logo a Universidade da Bahia seguiu a tendência dos grandes centros. Com o Hospital das Clínicas já em processo final de construção, o reitor Edgard Rêgo Santos instituiu o primeiro curso de enfermagem na Bahia. Em 22 de janeiro de 1946 foi criada a Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia, anexa a Faculdade de Medicina, condição que perdurou até 1950. A ausência de instalações físicas próprias fez com que a diretora da Escola dividisse o espaço com o chefe do gabinete do reitor (FERNANDES, 2001).

Somente em 1947 foi instalado o Conselho de Enfermagem. Este órgão era responsável por diversas deliberações como “a instalação física da unidade, divulgação do curso, organização curricular, calendário escolar, seleção das alunas, além de critérios para escolha de docentes” (FERNANDES, 2001, p. 21). Este órgão funcionava inicialmente na Faculdade de Medicina. Era composto pelo reitor Edgard Rêgo Santos, seu presidente; pelo professor Olimpio da Silva, diretor em exercício da Faculdade de Medicina; Haydée Guanais Dourado e Olga Verderese, respectivamente diretora e vice-diretora da Escola de Enfermagem. Como unidade anexa da Faculdade de Medicina, a Escola de Enfermagem não possuía assento no Conselho Universitário. Esta condição só se modificaria em dezembro de 1950 (FERNANDES, 2001).

Para a estruturação da nova unidade de ensino de enfermagem o reitor tomou medidas no sentido de desconstruir as barreiras preconceituosas em relação à profissão. Por isso, procurou estar presente nas ações de implantação da unidade “oferecendo-lhe

diretrizes e prestigiando-a ao longo do seu reitorado” (FERNANDES, 2001, p.20). A busca do fortalecimento e reconhecimento para implantação da profissão na Bahia pode ser notada pelo convite feito às enfermeiras formadas pela Escola Ana Nery (no Rio de Janeiro) e pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) para lecionar na Eeufba, implantando um ensino de qualidade. É importante frisar que desde o início do curso as disciplinas básicas eram lecionadas pelos professores da Faculdade de Medicina e as de caráter profissionalizante ficavam sob a responsabilidade das enfermeiras (FERNANDES, 2001).

O quadro docente era escolhido para dar continuidade à orientação teórica Anglo-saxônica de base religiosa, seguindo o modelo da Escola Anna Néri no Rio de Janeiro, considerada padrão para o ensino e formação das enfermeiras para todo o País (PASSOS, 1996). A primeira diretora foi a enfermeira baiana Haydeé Guanais Dourado. Ela era lotada no serviço de Enfermagem de Saúde Pública Federal e fazia parte do Conselho Deliberativo da Escola de Enfermagem da USP. Foi indicada como diretora junto com mais sete enfermeiras da USP (CRUZ, 2006).

Havia, também, uma exigência quanto ao perfil das candidatas ao curso de enfermagem como: condições físicas, orientação religiosa, nível cultural, social, econômico e moral. Outros destaques ficavam no interesse em ajudar o próximo, no instinto maternal, na persistência e no equilíbrio (PASSOS, 1996).

Estas características eram exploradas pela Escola de Enfermagem durante a realização das entrevistas para admissão das alunas, além da aplicação do vestibular. Com isso, eram selecionadas as alunas que seriam sérias, altruístas, devotadas, verazes, corajosas e inteligentes (PASSOS, 1996), qualidades consideradas próprias para as moças que ingressavam na nova profissão. A primeira turma da Escola de Enfermagem contava com oito alunas matriculadas e selecionadas através de entrevistas, iniciando as aulas no dia 12 de março de 1947 (FERNANDES, 2001).

Em 1948 a Escola ganhou um prédio próprio, onde ainda funciona atualmente. Além de oferecer ensino às estudantes, o prédio constituiu-se em espaço de residência - determinação legal para todas as escolas de enfermagem brasileiras - e lazer para as mesmas e suas professoras, o que proporcionou o convívio entre ambas (FERNANDES, 2001).

Conforme Passos (1996), a finalidade da residência se estendia muito além das explicações como facilitar o cotidiano e o cumprimento dos horários dos estágios. Na verdade, o internato tinha um caráter controlador. A Escola zelava pela moral de suas

alunas e docentes, de modo que a vida pessoal das mesmas era fiscalizada. Seus passos e atitudes também eram vigiados, a fim de manter o perfil desejado para as futuras enfermeiras. Simultaneamente, promovia a segregação das discentes com o mundo externo, tendo como objetivo impedir possíveis transgressões. Este rígido controle tinha suas justificativas na necessidade de aceitação da nova profissão numa sociedade em que as mulheres tinham papel restrito ao lar. Outro foco era modificar a representação da sociedade sobre uma profissão até então exercida por leigas e dentre elas mulheres consagradas, dedicadas ao servir, ou mulheres marginalizadas pela sociedade, como ex-prostitutas. Seguiu a Escola de Enfermagem os mesmos passos estabelecidos por Florence Nightingale em 1854 na Inglaterra, quando da institucionalização da profissão. A diferença era que estávamos no Brasil, num período pós Segunda Guerra e em que a sociedade brasileira vivenciava muitas transformações, como demonstrado nos capítulos anteriores.

Este modelo de escola não favorecia a inserção no mundo e muito menos ao engajamento político das suas alunas, o que vai se refletir na organização e militância estudantil das alunas da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

2.4.1 A Organização Política Estudantil na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

A turma de 1947, a primeira da Eeufba, elegeu a estudante Maria Julieta Calmon Vilas-Bôas como representante da turma. Este papel, criado pela direção da Escola, demandava da aluna ser o elo entre as professoras, as colegas e o setor administrativo da Escola. No entanto, neste mesmo ano é instituído o Diretório Acadêmico da Escola de Enfermagem (DA), com a mesma estudante transformando-se na sua primeira presidente (FERNANDES, 2001). O objetivo do Diretório era estabelecer uma conexão bem estreita com a direção da Escola e da Universidade. Em suma, colaborar com as ações do reitorado e dirigir os passos das estudantes, conforme registrado no livro de Atas do DA.

Contraditoriamente, nos primeiros anos de fundação algumas presidentes participaram junto à diretoria da UNE e compunham delegações para os congressos organizados pela entidade. Faziam parte da União dos Estudantes da Bahia (UEB) constituída por estudantes universitários e algumas eram membros da Juventude Universitária Católica (JUC) (FERNANDES, 2001).

Dentre as principais atividades do DA destacava-se a divulgação do curso de enfermagem através “da participação de estudantes de enfermagem em desfiles cívicos ou em memoráveis concursos de beleza e, ainda, na organização das festinhas na Escola” (FERNANDES, 2001, p. 27).

Estas práticas caracterizavam a distância entre a enfermagem brasileira e os eventos políticos e econômicos do País. Com isso, se mantinha a tradicional e conservadora orientação religiosa, conduzindo estas profissionais ao individualismo, a apatia social, e a aceitação da ordem estabelecida. Em contrapartida, a Igreja Católica já avançava na discussão de problemas como a reforma agrária; ou participava de movimentos como o Movimento de Educação de Base (MEB) e de moral familiar como o Movimento Familiar Cristão (MFC) (PASSOS, 1996). Mas todo este contexto social parecia não influenciar a prática das estudantes do DA, que exerciam atividades apropriadas ao padrão esperado das mulheres. Esta alienação do mundo, resultante de um aparelho formador tradicional, conservador e de forte conteúdo moral parece produzir seus frutos ainda hoje sobre estudantes e enfermeiras em pleno século XXI.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa, com a coleta de dados através da técnica de história oral e documental.

A investigação utilizando a história oral consiste na produção de documentos históricos. O conjunto dos depoimentos, do contexto e das ideologias permite elucidar a validades dos fatos e revelar o todo de um projeto de pesquisa (HAGUETTE, 1987; FERREIRA, AMADO, 2001). Especificamente neste estudo foi utilizada a História Oral Temática, que busca revelar a participação do entrevistado no tema escolhido.

A escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos e conjunturas específicas (ALBERTI, 2005, p.38).

As diversas fontes utilizadas possibilitaram comparar as versões, permitindo, desse modo melhor subsidiar e esclarecer os fatos.

3.1 AS PERSONAGENS

As depoentes foram selecionadas dentre aquelas que participaram do movimento estudantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia do período da fundação do Diretório Acadêmico ao final da década de 1950, que aceitaram ser participantes do estudo e que foram encontradas no período disponível para a coleta de informações. O contato inicial com as entrevistadas foi viabilizado pela Comissão formada para organizar a celebração dos 60 anos da Escola de Enfermagem, que além de possuir alguns contatos telefônicos era composta por ex-integrantes do Diretório

Acadêmico. Outras participantes foram localizadas através das próprias entrevistadas. Compuseram o quadro de entrevistadas algumas presidentes do DA, tesoureira e secretária social num total de cinco entrevistas. Com a finalidade de preservar a identidade das personagens, estas foram identificadas com letras do alfabeto.

3.2 AS ENTREVISTAS

A realização das entrevistas ocorreu em duas etapas. Inicialmente foi construído o roteiro individual com a finalidade de levantar desde informações pertinentes à identificação pessoal até o ingresso na Eeufba (APÊNDICE A). A segunda etapa caracterizou-se pelo desenvolvimento do roteiro geral constando desde a participação no Diretório Acadêmico e a cronologia dos fatos registrados nas suas Atas no período compreendido por este estudo (APÊNDICE B). Com isso busca-se a comparação entre as entrevistas e a identificação de “divergências, recorrências ou ainda concordâncias entre as diferentes versões obtidas ao longo da pesquisa, aprofundando-se as possibilidades de análise do acervo” (ALBERTI, 2005 p. 84).

As entrevistas foram gravadas e tiveram em média duas horas de duração por depoente. Todas as entrevistas apresentaram problemas referentes à memória. De acordo com Pollack (1989) a memória é seletiva, ou seja, nem tudo fica registrado. Ao mesmo tempo ela é uma construção coletiva, e está submetida às mudanças, transformações e negociações. O que a memória individual grava ou exclui é fruto de um processo intenso de organização, e revela as próprias opções da pessoa e da sua inserção no mundo.

A coleta de dados foi realizada nos meses de setembro a novembro de 2007 mediante a assinatura dos participantes do Termo de Consentimento Livre e Pré-Esclarecido (APÊNDICE C). Posteriormente as falas foram transformadas em documento escrito, sendo retificados os erros lingüísticos e as repetições, atentando para a preservação do conteúdo original e o estilo da fala da relatora (FRACOLLI *et al. apud* DYNIEWICZ *et al.*, 2004).

3.3 AS ATAS DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

O livro de atas do DA data de cinco de março de 1947, e foi cedido por D. Haydeé Guanais Dourado, diretora da Escola. A leitura desse documento forneceu dados sobre a entidade estudantil e a compreensão das características do surgimento do movimento na Eeufba.

Conforme Brito (2003, p 19.) “a Ata é a redação de fala e/ou propostas tal como foi assimilada pela maioria e/ou escrita pelo secretário, antes de ser aprovada pela reunião posterior a cada sessão”.

As atas estudadas somam cento e trinta e oito sessões (138) que se distribuíam em reuniões ordinárias, extraordinárias e assembléias gerais de estudantes. Foi feita a leitura integral de todas as atas, com foco para a estrutura do DA; as atividades prioritárias; relação estabelecida com a diretoria da Escola e as demais estudantes; participação das estudantes de enfermagem nas reuniões do DA, que quando estava presente a diretora da Eeufba cabia a mesma a presidência da sessão; participação das estudantes no movimento estudantil geral, nos Congressos Estudantis; na União dos Estudantes da Bahia (UEB) e Diretório Central dos Estudantes (DCE).

3.4 OS JORNAIS

Os periódicos consultados foram o Diário da Bahia e o Estado da Bahia. A pesquisa nesses materiais foi importante na elucidação e contextualização dos fatos, complementando o conteúdo das Atas e o relato das entrevistadas, embora seja de conhecimento de todos que a imprensa escrita não é neutra.

A cobertura realizada pelo Diário da Bahia pertinente a atuação estudantil era mais freqüente, e as manchetes eram mais extensas. O jornal exibia uma coluna intitulada Para a Mulher, que abordava diversos assuntos, entre eles conselhos, culinária, notícias sobre celebridades e boas maneiras. Esta coluna tinha o objetivo de regular e controlar o comportamento feminino para um padrão considerado aceitável para a sociedade da época. Revelava uma clara discriminação da mulher, que deveria ter uma postura submissa, com interesses voltados para o cuidado com a casa.

Do conteúdo das fontes foram identificadas as categorias de análise, finalizando no texto narrado.

Para análise dos dados utilizou-se a narrativa. Esta técnica possibilita a compreensão dos fatos, permite contar um episódio de forma seqüencial, utilizando enredo, as personagens, o tempo, o espaço e o ambiente relacionados com o objeto de estudo (SILVA, TRENTINI, 2002).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ACHADOS

4.1 O PERFIL DAS MILITANTES

Na análise do perfil das militantes do movimento estudantil da Eeufba a faixa etária das estudantes estava compreendida entre 19 e 28 anos. As estudantes com mais idade, em geral já tinham uma outra formação quando ingressavam no curso de enfermagem.

Algumas estudantes eram oriundas de escolas tradicionais de Salvador, o que revela também uma condição social elevada, como demonstrado a seguir.

Eu fui aluna do curso de ginásio do colégio Dona Afrísia, um colégio em Nazaré muito bom [...], freqüentado por filhos de médicos, advogados, engenheiros, funcionários públicos. Classe média e média alta. Um padrão muito alto porque Dona Afrísia Santiago tinha uma visão de educação muito avançada. (Entrevistada A)

Definira-me como classe média porque tinha um padrão bom de vida. Não precisava trabalhar, meus pais possibilitaram isso, se esforçaram muito para oferecer a todos nós, filhos, uma vida mais tranqüila. (Entrevistada B)

Naquela época a Eeufba não exigia o segundo grau completo para o ingresso no curso de Enfermagem, mas as entrevistas revelam que essa também não era a prioridade na educação das moças, mesmo das camadas sociais mais altas, como revela uma das entrevistadas.

Agora eu não tinha curso de colégio porque meu pai tornou-se deputado federal e nós nos mudamos para o Rio de Janeiro. (Entrevistada A)

Algumas das escolas freqüentadas anteriormente pelas futuras enfermeiras eram religiosas, o que correspondia aos interesses da Eeufba em manter a tradição religiosa da profissão, e ao mesmo tempo assegurar a boa conduta moral das estudantes. Mesmo quando a escola era mista, o controle moral era rígido, como afirma a entrevistada a seguir.

Eu estudava no Ginásio Americano, no hoje atual colégio Dois de Julho. Eu estudei lá do quinto ano até o terceiro ano científico. Tinha estudantes que não podiam pagar e os que podiam. Aqueles sem condições recebiam bolsas, tinha um internato para pessoas que vinham do interior. Era um colégio misto, mas com muita preocupação (risos). No recreio não podia misturar: era moças de um lado e rapazes do outro. (Entrevistada B)

Naquele tempo era o ginásio de cinco anos. Eu fiz no Ginásio de Jequié. Depois eu vim para aqui [...] Fiz o curso científico nas Sacramentinas [...] (Entrevistada E).

Havia também uma minoria de estudantes de enfermagem provenientes de famílias mais simples e que precisavam trabalhar. Mas estas contaram com o apoio do próprio governo para estudar, o que também aconteceu em outros estados do Brasil, o que indica um padrão desta busca de moças para se tornarem enfermeiras.

Eu fiquei na dúvida se eu fazia ou ficava no meu trabalho - que eu estava com a nomeação certa - ou se eu ficava em Enfermagem com muito sacrifício, porque eu precisava ganhar dinheiro. Aí eu resolvi fazer enfermagem e não assumi o cargo, perdi a nomeação (...). Aí consegui, em nome do Diretório, uma bolsa de estudos (...) Na época quem tinha muita apreciação pela Escola de Enfermagem era o Anísio Teixeira. E ele então liberou as professoras com o ordenado, que elas tinham de professora do estado. Eram professoras do estado que ele deixou a disposição da Escola para estudar (...). (Entrevistada E)

As primeiras turmas da Escola de Enfermagem eram compostas, também, por professoras primárias que continuaram recebendo seu salário, o que permitiu a conclusão do curso. Porque diferente daquelas, essas estudantes não possuíam renda suficiente para fazer um curso de formação superior. Este fato revela um incentivo governamental para a formação da nova profissão na Bahia, revelando assim a relação intrínseca da formação de enfermeiras com as políticas de saúde (GERMANO, 1993).

Porque eu trabalhava como professora e fiz o curso com a bolsa do Estado. Então a bolsa pagava meus salários e eu fazia o curso. Para mim foi uma felicidade porque eu não tinha condição financeira para fazer um curso superior e isso caiu do céu para mim [...]. (Entrevistada C)

Eu recebia um dinheiro do estado como professora. O tempo que estudei foi contado também como aposentadoria. Uma coisa boa que o estado fez (...); geralmente as do interior que eram professoras,

todas eram comissionadas, quer dizer, nos estudávamos e esse tempo era contado para aposentadoria. E recebíamos o nosso ordenado, de professora todo o mês. Aí podíamos nos manter. (Entrevistada D)

4.2 ESCOLHA DA PROFISSÃO

Quando questionadas sobre os motivos que as levaram a optar pela profissão de enfermeira as respostas versaram sobre identificação com questões altruístas, oportunidade de fazer um curso superior, qualificação profissional e oportunidade de emprego.

O altruísmo e a imagem do servir era fortemente propagandeada pela Eeufba, em iniciativas de divulgação do novo curso. Num material publicado da Escola, cujas ilustrações permitem deduzir que foi elaborado nos anos cinquenta, dissemina-se dentre as vantagens de se fazer enfermagem os conhecimentos que esta profissão traz para a mulher como futura esposa e mãe. As entrevistas a seguir confirmam a imagem disseminada da nova profissão na Bahia.

Eu gostava muito de matemática, de física, gostava de desenho. Então fui para o 1º ano científico e comecei a estudar já pensando em fazer vestibular para Engenharia. Quando foi no último semestre do científico (já fazendo cursinho pré-vestibular) o Ginásio Americano recebeu a visita da professora Haydeé Dourado. Era uma palestra de recrutamento de jovens para fazer enfermagem. Mostrou como as enfermeiras ajudavam as pessoas, as visitas domiciliares, o trabalho da horta, o ato de servir, eu fiquei encantada. Ela mostrava como era o cuidado exercido pelas enfermeiras e eu nunca tinha visto aquilo. Tinha dezessete anos e quando ela terminou, eu disse: é isso que eu quero fazer, é essa profissão que eu quero. (Entrevistada B)

Eu fui convidada para receber uma bolsa dada por Dr. Anísio Teixeira. Porque eu trabalhava como professora (...) todo curso que havia pós- formação eu sempre me candidatava, porque sempre tive curiosidade de aprender. Fiz curso para excepcionais, trabalhei, também com o ensino de excepcionais e trabalhava com muito prazer, com muita paixão. [...] professoras colegas minhas que fizeram por conta própria na Escola de Enfermagem do Rio de Janeiro, na Escola Ana Néri, voltaram muito entusiasmadas e então eu fiquei, através das informações que obtive, muito motivada porque eu achava que fazendo o curso de enfermagem eu tinha mais condições de atender melhor as minhas crianças na escola primária. E minha idéia era fazer o curso de enfermagem e voltar a ensinar com mais habilitação para cuidar das crianças [...]. (Entrevistada C)

A oportunidade de fazer um curso superior e conseguir um emprego melhor também emerge das entrevistas.

Depois eu vim para aqui que eu queria fazer Odontologia. Fiz o curso científico nas Sacramentinas. Quando foi perto de fazer o vestibular, Trípoli Gaudenzi, que era professor da Ufba e muito amigo da família um dia foi em minha casa visitar e, sobretudo, me convencer a fazer enfermagem e não fazer odontologia. Por que a Escola de Enfermagem estava iniciando, tinha uma perspectiva muito positiva de crescimento e que ele ia ser professor da Escola de Enfermagem e achava melhor eu seguir a profissão. E me convenceu tanto que eu aceitei. (Entrevistada E)

A minha irmã veio para cá. Aqui ela soube que tinha essa faculdade que recebia professora. E aí eu vim, também, para saber exatamente sobre a Escola de Enfermagem, conversei com a diretora. Aí, bom vou fazer isso mesmo. Por que todas as outras precisavam do curso secundário completo - o científico - e eu não tinha o científico. (Entrevistada D)

4.3 ASSOCIAÇÃO OU DIRETÓRIO ACADÊMICO?

Na Ata de 05/07/1948 é definido o nome da entidade estudantil da Eeufba denominada então Associação Estudantil. Todavia nas Atas seguintes é registrado o nome como Diretório Acadêmico, o que é ratificado pelos relatos. Dessa contradição, pode-se interpretar que existia uma identificação do Diretório Acadêmico com as práticas da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (Abed), o que parece aceitável, dado que a iniciativa de organização do DA partiu da direção da própria Escola. O fato de que algumas estudantes participavam das reuniões da Abed pode confirmar essa relação. Desse modo, o DA congregava as estudantes de enfermagem, e a Abed as profissionais enfermeiras.

Eu me lembro que houve um pronunciamento nesse sentido (da entidade estudantil ser chamada associação e não diretório), mas permanece com o nome de Diretório Acadêmico, não foi aprovado Associação. Porque Associação era de Enfermagem, que naquela época era Abed, Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomada. Mas o Diretório continuou sendo Diretório. (...) a idéia de Associação não foi aprovada (...) As estudantes tinham acesso às reuniões da Associação e D. Olga (vice-diretora da Eeufba) estimulava muito isso [...]. Falava sobre o desenvolvimento da Enfermagem, a necessidade de se divulgar a profissão, porque nessa época ainda havia muito preconceito com a Enfermagem. As famílias de maior projeção, tanto de aquisição social quanto financeira não queriam que as filhas estudassem Enfermagem. (Entrevistada E)

Na época todas as associações estudantis de Direito, Medicina, Engenharia, Enfermagem era Diretório Acadêmico. Eu fui eleita

presidente do Diretório Acadêmico de Enfermagem, em nenhuma Escola era chamada Associação o que era institucionalizado na Universidade era Diretório Acadêmico. Eu já encontrei como Diretório Acadêmico. (Entrevistada A)

No entanto, a hesitação das estudantes de enfermagem em nomear a entidade estudantil como todas as demais pode demonstrar que as alunas eram incentivadas a se reunir para trabalhar pela divulgação da Escola e da profissão, e não por compreender o papel político de um DA.

4.4 A FUNDAÇÃO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO

Sobre a data de fundação do DA existem duas versões. A primeira é de uma integrante da primeira gestão do Diretório Acadêmico que faz referência a sua criação no mesmo dia da primeira aula na Eeufba. A outra é proveniente do livro de atas do DA. Pode-se inferir que a segunda foi uma reunião formal e mais extensa, com outros assuntos a decidir, e reforça que a criação do DA foi uma iniciativa da direção da Escola.

Após a aula de D. Haydeé no dia doze de março de 1947, logo em seguida ela nos orientou, porque não tínhamos experiência, aos pontos principais que as alunas iriam seguir: 1) Naquela época se fazia uma eleição para uma estudante representar a classe, se chamava representante de classe. Essa representante de classe tinha a função de manter contato com a estudante e a direção da Escola e com os professores. Através dessa representante de classe é que nós nos comunicávamos e tínhamos orientações necessárias. A representante de classe nós indicamos Juju, que era Julieta Villas-Bôas, porque ela tinha muita participação na Escola, ela já tinha ligações com a diretora e estava mais influenciada na direção da Escola que qualquer uma de nós. Depois que a escolhemos para representante de classe, nós fizemos nova reunião nesse mesmo dia para criar o DA, na mesma hora nós achávamos que ela seria a mais indicada pessoa para ser a presidente. Então foi eleita a primeira presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Enfermagem. (Entrevistada E)

O depoimento acima indica que a escolha da primeira presidente do DA se deu influenciada pela sua boa relação com a direção da Escola. Esta era quem orientava as estudantes em todas as suas ações, como bem retrata as atas, além das entrevistas. Ressalte-se em particular o fato inusitado de que a diretora presidia reuniões do DA, como confirma a ata abaixo.

Aos dezesseis de abril de mil novecentos de quarenta e sete, realizou-se a primeira reunião da Associação de Estudantes da Escola de

Enfermagem da Bahia sob a presidência da diretora da Escola, para fins de eleição da diretoria e discussão dos Estatutos. (ATA DO DA de 4.8.1947)

4.5 A RELAÇÃO ENTRE A DIREÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM E O DIRETÓRIO ACADÊMICO

Nas atas consultadas e nos relatos é freqüente a presença da direção da Eeufba nas atividades do DA e nas decisões do mesmo. Isto reflete o papel de controle da direção, transformando o DA em um instrumento regulador das ações estudantis.

A presidente (D. Haydeé, diretora da Escola) deu por aberta à sessão explicando as finalidades do Diretório Acadêmico da Escola e a maneira de como realizar a eleição da diretoria deste Grêmio. (ATA DO DA, 16.04.1947).

Uma ata datada de 4 de abril de 1949 indica a permanência desta influência, ao descrever que as chapas foram organizadas e após aprovação da diretoria da Escola foram submetidas à eleição em escrutínio secreto. Este processo é confirmado pelas entrevistadas

As reuniões eram uma vez por mês. E quando a gente se reunia, avisava com antecedência e a diretoria da Escola liberava. E a gente não retornava para o estágio (...) A vida do diretório era muito integrada com a direção da escola (...) O Congresso não era muito tempo uns três, quatro dias então a Escola dava permissão a gente sair para isso, tinha que dar, não podia ser diferente. Depois quando chegava a gente falava o que tinha se passado. (Entrevistada D)

Em todas (reuniões) ela (D. Haydeé, diretora da Escola) estava presente dando sugestões com muita discrição _ que ela era muito discreta. Fazia as coisas com muito cuidado para não parecer que ela estava interferindo. (Entrevistada E)

Isto não parecia afetar as estudantes, membros do DA. Esta relação política era naturalizada pelas militantes, pois estas não se percebiam como tal.

Eu queria afirmar de novo que essa foi uma época muito suave, serena, da política estudantil. Agora, não deixou de existir as reivindicações que depois foram atendidas. Nós não podíamos reclamar, porque tinha uma professora que nos orientava. Em outros cursos não existia isso e os estudantes podiam reivindicar. (Entrevistada B)

A direção da Escola facilitava a atuação de membros do DA, ao autorizar sua ausência de atividades para participar das ações consideradas oficiais, o que reforça a interpretação acima, como diz uma entrevistada.

[...] a Escola deixava sair do estágio quando era uma coisa oficial.
(Entrevistada A)

Este padrão de relação condicionava uma atuação do DA que era autorizada previamente pela direção da Eeufba. Este padrão comprometia o engajamento das alunas no movimento estudantil ampliado, como descrito no capítulo sobre o contexto do Brasil durante o período estudado.

4.6 O ESTATUTO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO

Das referências obtidas o primeiro estatuto do DA foi construído pela direção da Eeufba em conjunto com o Conselho da Escola de Enfermagem, que era composto pela diretora e vice-diretora dessa Unidade, o diretor da Faculdade de Medicina da época e o reitor e presidente do Conselho Professor Edgar Rego Santos. Esse mesmo regimento era centralizado na figura da presidente do DA, que era indicada pela direção da Escola. Desse modo ratificando o atrelamento dessa entidade estudantil as posições da direção da Eeufba.

D. Haydeé, ela trouxe a idéia, sugeriu alguns objetivos e se fez um estatuto muito simples. Eu não tinha idéia do que tinha os detalhes (...) Tudo passava para aprovação, para uma avaliação da diretora, para ela dar uma sugestão. Depois da opinião voltava [...]. (Entrevistada E)

Foi considerado pelo Conselho, o Estatuto do Diretório Acadêmico da Escola, o mesmo que fora submetido a este órgão em 24 de setembro de 1947. Continua em estudo, pelo conselho, tendo recebido algumas emendas feitas pelo Senhor Presidente, que melhorou muito o anteprojeto original, contudo não logrou a aprovação final. (ATA DO CONSELHO DE ENFERMAGEM, 27.04.1949)

Esta direção autocrática e centralizadora contava com a aceitação e o apoio das participantes do próprio DA, como revelado a seguir.

Tudo era convocado pela presidente. Não significa que era centralizado, mas era a pessoa que tinha... Era a presidente do Diretório. Podia ser até por solicitação de alguma estudante. Eu me lembro que teve um problema do trote, as estudantes pediram para fazer uma reunião então eu aceitei fazer a reunião (presidente do DA) e convoquei, mas era através da presidente do Diretório que se faziam as convocações, estudante não podia convocar reunião sem estar centralizada na presidente. Eu acredito que todo setor organizado tem

que centralizar porque não pode um grupo convocar, outro grupo convocar tem que centralizar isso. (Entrevistada B)

Quanto ao processo de escolha da presidente do DA não existiam critérios explícitos. Mas ser boa aluna, isto significando ser bem aceita pela direção da Escola, professores e outros profissionais era um indicador para a escolha.

Critério definido não tinha. Mas a gente via aquela aluna que participava das coisas com mais maturidade, que trazia problemas difíceis para a direção da Escola ajudar resolver, como aluna, e atitude delas nas enfermarias. E (B), apesar de ter sido boa aluna, mas falava muito, era assim muito expansiva, criava muito problema com as outras, então eu achava que era imatura. Mas eu dei mão à palmatória, porque ela resolveu problema com muita coragem, com muita determinação (...) Não tinha reações contra (...) Era um tempo pacífico. (Entrevistada E)

Portanto, os achados permitem interpretar que a participação no DA era apenas mais um requisito oficial para a formação adequada da enfermeira. As militantes do DA não se referem a nenhum atributo de caráter político para a escolha dos seus membros, nem mesmo da escolhida para presidente, revelando o caráter político frágil dos membros, e por consequência da entidade estudantil.

4.7 CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO

As principais atividades do DA tinham o propósito de dar prosseguimento as ações da direção da Eeufba, que objetivavam fortalecer a moral e a base religiosa na formação das enfermeiras e desmistificar o preconceito bastante enraizado na sociedade contra a profissão. Desse modo, também era estimulado entre as alunas o estudo das artes e da música. Soma-se a isto a organização de festas pelo DA, o que contemplava estes propósitos. Este foco é corroborado pela entrevistada a seguir.

Eu me lembro bem que o plano nosso no Diretório era esse, as alunas ajudarem a mudar o preconceito que existia com a profissão de Enfermagem. Eu trabalhei muito para isso. (Entrevistada B)

Quanto à estreita influência da religião na formação e na prática das alunas, inclusive dos membros do DA isto é claro por ter a estrutura da Escola uma capela própria para as cerimônias religiosas da Igreja Católica e, além disso, promover aulas de doutrinação religiosa, confirmado pelas atas e pelas entrevistas.

A colega presidente com a palavra fez de início um convite geral para uma conferência a ser realizada aqui na Escola no próximo dia dezanove pelo Reverendo Padre Pinheiro; aproveitando lembrou, ainda, as aulas doutrinárias de religião que são realizadas semanalmente, também aqui na Escola, para que haja grande assistência. (ATA DO DA de 12.11.1952)

A Escola era católica; a filosofia da Escola era católica. O Diretório aprovava também, o Diretório aprovava o que as estudantes aprovavam, mas não tinha coisa política nem religiosa. (Entrevistada B)

D. Haydeé era protestante, era presbiteriana [...]. Então sempre fazia um paralelo entre as duas religiões sem fazer preconceito entre uma e outra [...] Sempre vinha um monge do mosteiro de São Bento e dava aulas sobre religião, falava sobre a importância da enfermagem na religião e dava assim um apoio muito grande. Era muito amigo da Escola e estava sempre participando das reuniões. (Entrevistada E)

Note-se que nos registros o fato da Escola promover sessões doutrinárias de religião não era criticado pelas alunas, mas fica clara a preocupação da entrevistada de ressaltar que o DA não assumia nem posição religiosa e nem política. E, no entanto, aprovava o que as estudantes aprovavam. E o que as estudantes aprovavam era distinto da aprovação da diretoria? Os depoimentos indicam que não. E a entrevistada abaixo indica também que não existia uma isenção quanto à prática religiosa por parte de dirigentes do DA, ao se referir que a direção da Eeufba e o DA se dividiam para a organização dos eventos religiosos.

Ou era a direção da Escola, que era Dona Haydeé ainda, ou então o próprio Diretório Acadêmico, que Juju (Maria Julieta Villas-Bôas, presidente do DA) era muito religiosa e sempre trazia um monge beneditino para fazer uma palestra. (Entrevistada E)

O assunto da Páscoa. Para tal foi organizado um excelente programa pela Escola, para que assim nós fizéssemos bem nossa Páscoa, e, conseqüentemente, nos uníssemos mais a Cristo. A nossa Páscoa será realizada depois de amanhã, será precedida de um dia de Retiro Espiritual, com programa pré-estabelecido. (ATA DO DA de 13.04.1951)

Assim, era de aceitação geral que a prática religiosa fazia parte da formação de enfermeiras, e que esta prática era exclusivamente da religião predominante, a Católica.

Pelos depoimentos, também as atividades relacionadas com as artes era foco da atuação do DA, como parte importante da formação das alunas, o que era estimulado pela primeira diretora da Escola.

D. Haydeé nos estimulava muito a crescer. E não só na enfermagem, mas em cultura. Ela, nessa época, e a maioria das professoras da Escola, moravam ali no Instituto Feminino, no Politeama. Então ela sugeria que o Diretório fizesse uma programação de cultura e de ciência. Então todo o mês, mais ou menos todo o mês, nós tínhamos uma sessão lá num dos salões do Instituto, que ela mesma providenciava. Então, um dia se fazia um grupo de discussão sobre arte, apresentava nome de pintores, enfim para desenvolver a cultura. Outra vez se fazia discussão sobre vultos da Enfermagem, pessoas importantes da Enfermagem. (Entrevistada E)

Em seguida Jamille Cabús interpelada pela presidente fala-nos sobre uma reunião de arte que tivemos em torno da vida do grande compositor russo Tchaikovsky, cuja apresentação biográfica foi exposta pela mesma, a qual nos demonstrou conhecimento real da obra de Tchaikovsky quando nos diz que o gênio criador não é tão lírico como Bach, nem tão dramático como Wagner, mas reunia em si um pouco de tudo, porque sua alma estava impetrada de amor à pátria. (ATA DO DA de 04.08.1947)

Assim, pelo depoimento a seguir pode-se afirmar que o objetivo do DA era predominantemente de desenvolver atividades para ampliar a formação das alunas.

[...] que ficasse também a parte de música, de teatro, de esporte de outras várias culturas que existe na formação do indivíduo. Parece-me que era esse o meu objetivo. (Entrevistada B)

A recepção às novas estudantes reproduzia uma prática muito comum entre as mulheres das classes sociais mais elevadas, o chá. Percebe-se aí a preocupação em legitimar os costumes femininos valorizados pela sociedade, isto é, mostrar as novas estudantes e as suas famílias que a Eeufba recebia moças com um perfil distinto daquele que remonta a origem da profissão.

Depois de precisa discussão, predominou a idéia de apenas uma simples recepção às novas colegas com chá, doces, trote, etc., festa cuja direção e execução foi entregue as alunas do 2º ano (classe de 1953) como é rotina da Escola. (ATA DO DA de 22.02.1951)

Além disso, como forma de evitar transgressões e proporcionar orientação para as novas alunas foi instituído o papel da madrinha, que tinha a função de preservar e fortalecer as regras da direção da Eeufba.

Era muito interessante. A recepção tinha sempre um chá, aí era a direção da Escola que mais fazia, que estava na frente. Porque o Diretório não tinha dinheiro para fazer esses custos. O Diretório era que sempre organizava esses encontros. Nós tínhamos uma orientação, desde a primeira turma, a gente escolhia uma flor para ser a flor da turma - a nossa era violeta, que era simbólica da nossa turma. E quando a turma seguinte chegava, nós oferecíamos uma flor, que elas escolhessem, acho que a primeira turma escolheu cravo, não me lembro. E nós tínhamos uma colega que era madrinha da que chegava. Então cada uma tinha sua madrinha que dava orientação para a vida acadêmica. (Entrevistada E)

Deste modo se observa que a prática das alunas membros do DA era plenamente influenciada e conduzida pela direção da Escola. Este fato não foi criticado ou reprovado pelas entrevistadas. Do narrado se pode dizer que a função do DA era dar continuidade à formação das alunas, numa Escola que educava moças de boa família, e se empenhava em reproduzir este papel familiar, situação essa que era aceita e apoiada pelo DA.

4.7.1 O Jornal do Diretório Acadêmico: A Medula

Eis o que registra a ata da criação do primeiro jornal do DA de Enfermagem, A Medula:

A presidente com grande satisfação apresentou e distribui o primeiro jornal do nosso Diretório publicado pelo esforço de um grupo de colegas que tudo fizeram para apresentá-lo agradável e de boa aparência. As encarregadas pelo jornalzinho A Medula pede a colaboração de todas as colegas no sentido de que não deixe morrer o que foi criado agora com tanto interesse. (ATA DO DA de 12.11.1952).

Sobre o primeiro jornal do DA foram identificadas algumas contradições nas informações em relação ao seu conteúdo. Pode-se interpretar que a partir das atividades do DA, já analisadas, os assuntos abordados por esse jornal não poderiam divergir muito dos seus propósitos e dos da diretoria da Eeufba. Uma das entrevistadas afirma que o jornal era científico, mas podia publicar qualquer matéria de interesse das alunas.

Era um jornal essencialmente científico. Tinha, por exemplo, uma aluna que quisesse escrever um artigo sobre enfermagem, sobre o curso que estava sendo desenvolvido. Uma revista que chamava A medula, por ser de uma base de saúde, por isso se botou o nome de A medula. Mas continha qualquer artigo, não existia censura, qualquer estudante que queria colocar qualquer assunto botaria, eram artigos dos mais diversos. (Entrevistada B)

Esta aceitação ampla de matérias, pelo que indica uma das entrevistadas, era por falta de material para divulgar, dado que desde o início do curso escrever não era uma prática disseminada entre estudantes de enfermagem.

Quem quisesse escrever qualquer coisa para A medula escrevia e a secretária cultural recebia. Éramos muito novas, não tínhamos aquela expectativa para escrever, então não tinha uma necessidade de seleção por número de trabalhos os que viessem eram quase todos aprovados e publicados nessa revista A medula. (Entrevistada B).

No entanto outra entrevista indica que o caráter dominante no jornal era o humor:

O primeiro jornalzinho criado na Escola foi A Medula [...]. Fazia muita crítica das colegas de uma à outra. Era mais humorístico. A Medula foi um jornalzinho que não durou muito tempo foram uns dois a três números que saiu... Era mais de humorismo, bulia com as

colegas quando dava problemas lá nas Clínicas. Tudo assim, fazendo crítica. (Entrevistada E)

As demais ações do DA criavam estratégias para a sua sustentabilidade econômica e, ao mesmo tempo, para a subsistência de algumas estudantes, ainda que existissem referências em relação à parte do orçamento da Eeufba a ser destinado para esta finalidade.

4.7.2 A Cooperativa

As atas registram que mesmo com o perfeito entendimento entre a direção da Escola e do DA este tinha que desenvolver seus próprios meios de subsistência financeira. Uma das idéias criadas pelas estudantes foi uma cooperativa com uma loja e o pagamento de anuidade para os membros do DA, reforçando o seu modelo de associação, como as profissionais.

Foi lançada a idéia da fundação de uma pequena Loja do Diretório, aonde tivéssemos com maiores vantagens os artigos que mais necessitamos na Escola. Esta Loja, além de servir as colegas, reverteria em lucro para o Diretório. Foi unanimemente aprovada. (ATA DO DA de 8.04.1951)

A loja vendia produtos de primeira necessidade para as estudantes, dado que além das intensas horas dedicadas ao estudo sobrava pouco tempo para outras tarefas.

Lembro que funcionava. Era pasta de dente, *shampoo*. [...] Porque ninguém tinha tempo para sair em farmácia. Você tinha que tomar um bonde para ir na Avenida Sete para fazer uma compra ou então ir a Rua Chile. E nós não tínhamos muito tempo, que era a tarde inteira com a cara grudada no livro. (Entrevistada A)

A anuidade paga ao DA tinha esta mesma finalidade como indica uma das entrevistadas, bem como a confecção da carteira estudantil:

Existia uma anuidade para ajudar ao Diretório a fazer as coisas. A carteira de estudante era feita pela Escola para ajudar o Diretório. Era uma colaboração pequena. (Entrevistada B)

A colega Lenísia leu o relatório das atividades da tesouraria nas gestões 49 e 50 e solicitou as associadas que procurassem ficar em dias com o Diretório pagando suas anuidades.(ATA DO DA de 22.03.1950)

Quanto às festas realizadas pelo DA, além da preocupação de arrecadar recursos, existia também o interesse de, através delas, divulgar o Curso de Enfermagem.

Lembro das festas que a gente organizava. Quase todo o sábado tinha festa lá, pelo menos no mínimo uma vez por mês. Acho que antes de um mês tinha mais de uma festa... Arrecadava dinheiro, ficava para o Diretório, e era com esse dinheiro que a gente fazia essas coisas todas. Não só para as outras festas, como também já dava para algum Congresso. (Entrevistada D)

As festas de enfermagem eram muito concorridas. E acho que conseguimos mudar o conceito que se tinha do curso. Hoje não tem aquele preconceito. Pode ter a competição entre profissionais e aí é diferente. (Entrevistada B)

Essencialmente o DA tinha uma atuação voltada para ampliar a vida social das alunas, ao mesmo tempo em que a modalidade de vida social permanecia sob o controle da direção da Escola, visando assegurar os princípios adotados da boa formação para as enfermeiras.

4.8 A PARTICIPAÇÃO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Os relatos e os registros das Atas revelam que a participação do DA no movimento estudantil em geral tinha um caráter distinto de outros estudantes. Após a participação em congressos estudantis, a avaliação que se seguia era sempre de reprovação quanto aos acontecimentos vivenciados. Por outro lado, nos congressos de enfermagem de caráter profissional, os comentários registrados em atas são sempre de aprovação. Tais registros demonstram que os membros do DA não tinham uma identificação com os temas do movimento estudantil da época, e por fim com qualquer tema de caráter político, como afirmado por uma das entrevistadas e reafirmado com os registros destacados abaixo.

A colega presidente com a palavra falou da participação no Congresso de Enfermagem no Hotel Quitandinha e no Congresso de Estudantes em Goiás. Referindo-se ao de Enfermagem teceu elogios a nossa mui digna Diretora Nilza Garcia, e sobre o Congresso de Goiânia a colega presidente achou que fugiu do terreno universitário para o da política. (ATA DO DA de 5.08.1953)

Como se pode perceber, era reprovável para as dirigentes da entidade estudantil da Eeufba que congressos de estudantes discutissem temas políticos. Este pensamento passa ser o dominante na época, dado que não há registros de posições contrárias nas atas do DA. Os episódios presenciados nos congressos estudantis ficaram registrados como pitorescos, como o descrito a seguir.

O Congresso que eu mais me lembro, foi no Rio de Janeiro que discutiu muito sobre Petróleo, O Petróleo é nosso... Lembro do entusiasmo que eles falavam, discursavam para defender o petróleo e o Brasil... E a gente estava muito preocupada parece que ia entrar alguém lá no recinto com arma e os estudantes daqui da Bahia, do Diretório Acadêmico daqui da Bahia pegaram a gente botaram no canto e nos protegeram com medo de algum tiro. Foi interessante e ao mesmo tempo nos deu muita aflição, que nunca tínhamos visto uma situação de tanta polêmica... Mas foi uma discussão muito acirrada porque todo mundo estava achando que os americanos queriam tomar o petróleo da gente, então todo mundo dizia ‘não, não pode ser, o petróleo é nosso’ vamos armados... Esse fogo todo de estudante. (Entrevistada D)

Ou ainda reafirmando o desinteresse das alunas por temas gerais ou de conteúdo político nacional ou local.

Nessa época, da década de 50, os estudantes de Enfermagem não ligavam muito com problemas políticos. [...] Não despertavam interesse [...] Nesse tempo os estudantes, inclusive os de enfermagem, não participavam da vida ativa da política nacional. Não tomavam muito conhecimento do que se estava passando no Brasil e se tinham eram coisas que eles não alimentavam para discussão. (Entrevistada E)

Ou demonstrando o processo de alienação vivido, desde que admitiam fazer tudo que era solicitado por outras entidades estudantis, menos qualquer coisa relacionado com táticas tradicionalmente utilizadas pelos estudantes para reivindicar. Esta postura reflete a atuação condicionada a uma prévia aprovação da diretoria da Escola ao grupo dirigente do DA e ao rígido código de conduta exigido das alunas, como revela a entrevista a seguir que destaca que “nós de enfermagem resolvíamos nossos problemas entre nós”.

Agora, tudo que iam (refere-se a outras entidades e dirigentes estudantis) nos pedir nós acatávamos. Mas não podíamos fazer grandes coisas, filar aula, fazer greve, não ter aula... Perdia o ano, não se formava, era uma confusão, era um rigor danado, colégio de freira (riso). Você não faz idéia do que era a Escola de Enfermagem no nosso tempo. A Escola era muito dura, muito cheia de regras, era uma coisa muito controlada [...]. A gente dava apoio, mas não entrava

em greve [...]. Quem é que ousava [...]. Nós de enfermagem resolvíamos nossos problemas entre nós. A gente fazia saúde pública, saúde pública rural e procurava transmitir ao povo aquilo que a gente achava e via como importante. Então, nós já estávamos preocupados e agindo no social pelo próprio trabalho do curso de enfermagem. (Entrevistada A)

Nas atas está registrado a participação do DA na Campanha Pró-flagelados promovida pela União dos Estudantes da Bahia (UEB).

A presidente falou que viria aqui na Escola uma comissão de estudantes da U.E.B a fim de convidarmos a cooperar na Campanha pró-flagelados. Todas prometeram colaboração. (ATA DO DA de 2.03.1952)

A Campanha objetivava arrecadar alimentos no comércio de Salvador para distribuir entre as vítimas da seca e a visita dos estudantes às áreas atingidas. O engajamento nesta Campanha revela que as alunas participavam do que foi nomeado como trabalho social e não político, portanto atividade aceitável para ser exercida por moças. Esta ação ganhou as páginas do Diário da Bahia por alguns meses.

A UEB tinha com objetivo não só atendimento das necessidades estudantis, como também as necessidades sócias da época, por exemplo, os flagelados. A UEB assumia a campanha dos flagelados e a Escola já tinha uma comissão que arrecadava material para os flagelados e direcionava para a UEB [...]. A gente arrecadava comida, roupa, lenços, abrigos para mandar para os flagelados, pessoas que ficavam sem ter onde morar, que fugiam da seca. Porque esses flagelados era quem fugia da seca, que não tinham onde ficar. Então essa comissão fazia isso, arrecadava material para os flagelados. (Entrevistada B)



FONTE: Diário da Bahia, Salvador, 8.03.1952

Além de tudo o que foi analisado, não era simples para as mulheres, muito menos as estudantes de enfermagem, participar de entidades e ações políticas. Este não era o papel que a sociedade esperava ver mulheres ocupando, como analisado anteriormente. Vejamos a narrativa de uma das entrevistadas a seguir.

E nós mulheres não falávamos. Éramos muito poucas. Mas a gente votava. Agora na UEB, a gente se pronunciava. Na UNE não, porque mulher sabe como é [...]. (Entrevistada B).

4.9 AS PAUTAS DAS REUNIÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO

As reuniões do DA aconteciam em média uma vez por mês. Os principais pontos de pauta versavam sobre o que foi até aqui exposto. Soma-se a isso a discussão sobre assuntos acadêmicos e as festas. Mas existia uma abertura para incorporar outros temas, indicando que as pautas não eram rígidas.

As discussões eram abertas. Às vezes vinha um estudante de outro curso querendo dar uma palestra e nós abríamos o espaço. Nas reuniões comuns nós colocávamos nossas questões. Por exemplo, a questão da carga horária dos estágios. Nós conseguimos diminuir uma hora, porque nós tínhamos que trabalhar oito. E foi uma luta do diretório. (Entrevistada B)

Como assinalado anteriormente por uma das entrevistadas, os assuntos quase sempre eram de temas de interesse específicos e nada polêmicos, pela harmonia em que se vivia, conforme ressaltado.

Olha, lá discutia muito era essa parte de prova, comunicação com os professores, os estágios também, e o acompanhamento dos professores nos estágios, orientando sempre os estudantes - fazíamos muita questão disso, entendeu? E às vezes até a convivência com a diretoria, com os professores - que todo mundo era muito amigo - então a gente vivia muito em harmonia. (Entrevistada D)

Assim, a vida estudantil parecia um mundo cor de rosa, como convinha socialmente para as moças. Mas, possivelmente existe um lado B dessa história e que deve ter sido vivida por uma minoria das moças que participaram da Escola de Enfermagem da Ufba no período estudado. Sem dúvida a direção alcançava seus resultados. Essa era uma Escola de moças bem comportadas, similar a um colégio de freiras, como lembrou uma das entrevistadas, e como reflete a programação de atividades para o encerramento do ano:

Organizou-se para esse fim de ano: chá com show provavelmente no dia 1.12.57; filme (ir ao consulado) às 8 h. no dia 10.12.57; *show* de hipnotismo no dia 20.11.57. (ATA DO DA de 26.10.1957)

Este era o foco da atuação do DA da Escola de Enfermagem da Ufba. Enquanto a UNE foi reconquistada pelos estudantes progressistas em 1956, com as manifestações

contra o aumento nas passagens de bonde lideradas pela União Metropolitana de Estudantes e elegendos, em julho de 1957 como seu presidente José Batista de Oliveira Júnior, as participantes do DA da Eeufba continuavam a organizar as festas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundação do Diretório Acadêmico da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia ocorre aproximadamente um ano após a criação dessa unidade de ensino. Ao mesmo tempo em que o País inicia um processo de industrialização e urbanização, fomentando o desenvolvimento, dentre outros setores, da Educação e da Saúde. No bojo dessas transformações é criada a Universidade Federal da Bahia e logo depois a Escola de Enfermagem, primeira da Bahia e terceira do Brasil. Com o objetivo de dar continuidade ao modelo de ensino das demais escolas de enfermagem do Brasil, foram recrutadas enfermeiras do Rio de Janeiro e São Paulo para ensinar e dirigir a Escola da Ufba.

Diferente da experiência carioca e paulista, a Eeufba não precisou ser dirigida por enfermeiras americanas. Sua primeira diretora foi a enfermeira baiana Haydeé Guanais Dourado, professora da Escola de Enfermagem da USP.

Muito mais que transmissão dos conhecimentos teóricos e práticos da Enfermagem, os ensinamentos no curso tinham um caráter religioso e controlador da moral das estudantes, o que inibia a participação estudantil e reforçava o desinteresse político das alunas.

A atuação do DA claramente era direcionado pela diretoria da Escola, desde a aprovação da escolha da presidente às ações desenvolvidas, visando legitimar as regras impostas pela direção da Escola e trabalhar na divulgação do próprio curso.

Assim, o Diretório Acadêmico compartilhava dos mesmos propósitos da direção da Escola de Enfermagem no sentido de divulgar para a sociedade baiana o novo curso e, simultaneamente, desconstruir os preconceitos inerentes ao surgimento da profissão.

Mesmo nas poucas vezes em que existiu a participação do DA de Enfermagem em congressos estudantis e reuniões da UEB, o propósito era, essencialmente, romper com o preconceito social com a profissão e equiparar o Curso de Enfermagem a qualquer outro curso de grau universitário.

As discussões referentes à Universidade, política local e nacional, quando ocorriam, eram superficiais e aglutinavam pequena quantidade de estudantes. Ao contrário do que ocorria em outras unidades da Ufba e no Brasil, onde as lutas gerais dos estudantes giravam em torno da autonomia do País e em defesa do ensino público.

Não sem razão isso acontecia. A insignificante participação das alunas de enfermagem no movimento estudantil, e a alienação política destas, retratam com fidelidade a situação da mulher na sociedade brasileira. Revelam também que os padrões de formação assumidos nas escolas de enfermagem no Brasil, e não sem exceção na Eeufba, seguindo o padrão militar, com caráter moral rígido e forte religiosidade só fazia acentuar o distanciamento das jovens militantes de qualquer ação que tivesse conotação política. E este padrão ainda hoje repercute no movimento estudantil de enfermagem, com outras roupagens. Mas essa é uma outra história a ser contada.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BRITO, Antônio Maurício Freitas. **Capítulos de uma História do Movimento Estudantil na UFBA (1964-1969)**. 2003.133f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005. Disponível em www.portalfeminista.org.br/GEN/PDF/v5n2/Costa. Acesso em: 04 de out. de 2007.

CONCEIÇÃO, Rita de Cássia dos Santos. **Mulheres na Universidade**: um estudo sobre a evolução da participação estudantil feminina nos 40 anos da Ufba. 1994. 68 f. Monografia (apresentada ao final do curso de prática de pesquisa em Antropologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade federal da Bahia, Salvador.

CRUZ, Jefferson R. L. da. Bodas de Diamantes: 60 anos da Eeufba. 2006. Monografia (conclusão de curso) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem, Salvador.

DYNIEWICZ, Ana Maria.; ZANELLA, Eloísa.; KOBUS, Luciana Schleder Gonçalves. **Narrativa de uma cliente com insuficiência renal crônica**: a história oral como estratégia de pesquisa. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 06, n. 02, p. 199-212, 2004. Disponível em www.fen.ufg.br

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FERNANDES, Joscélia Dumet (Coord). **Memorial Escola de Enfermagem 1946-1996**. Salvador: UFBA, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FORACCHI, Marialice Menchini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1972.

GERMANO, Raimunda Medeiros. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. Metodologias Qualitativas na sociologia. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica:** a prática dos fichamentos, resumos, resenhas. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MENDES JR, A. **Movimento estudantil no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Trajetória da juventude brasileira:** dos anos 50 ao final do século. Salvador: Secretária da Cultura e Turismo: EDUFBA, 1999.

PASSOS, Elizete Silva. **De anjos a mulheres:** Ideologias e valores na formação de enfermeiras. Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996. 209p.

POERNER, Arthur José. **O Poder Jovem:** História da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.2, n 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas de normalização:** normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/biblioteca>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2007.

SEGUNDA-FEIRA terá início campanha da U.E.B. Diário da Bahia, Salvador, 8 mar. 1952.

SILVA, Denise Guerreiro Vieira da; TRENTINI, Mercedes. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n.3, 2002. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692002000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Set 2007.

SINGER, Paul; CAMPOS, Oswaldo; OLIVEIRA, Elizabeth Machado de. **Prevenir e Curar:** O controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA: DADOS INDIVIDUAIS

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1.1 Nome completo:

1.2 Sexo:

() Feminino

() Masculino

1.3 Data de nascimento:

1.4 Profissão:

2. DADOS DA FAMÍLIA

2.1 Origem Familiar

() Urbana

() Rural

2.2 Escolaridade da mãe

() 1º grau incompleto

() 1º grau completo

() 2º grau incompleto

() 2º grau completo

() Superior incompleto

() Superior completo

2.3 Escolaridade do pai

() 1º grau incompleto

() 1º grau completo

() 2º grau incompleto

() 2º grau completo

() Superior incompleto

() Superior completo

2.4 Ocupação da mãe

2.5 Ocupação do Pai

2.6 Número de membros na família

3. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA VIDA ACADÊMICA

3.1 Qual sua formação anterior ao ingresso na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA)?

3.2 Quais os motivos de ter feito Enfermagem?

3.3 Quando ocorreu sua entrada na EEUFBA?

3.4 Como ocorreu seu ingresso na EEUFBA?

3.5 Onde morava durante a graduação?

3.6 Trabalhou no período da graduação?

3.7 Recebia bolsa?

() Sim

() Não

3.8 Qual era o benefício? Responder no caso de resposta anterior positiva.

APÊNDICE 2: ROTEIRO GERAL DA ENTREVISTA

1. DADOS REFERENTES A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

- 1.1 Quando iniciou sua participação no Diretório Acadêmico?
- 1.2 Qual o período (em anos) de militância no Diretório Acadêmico?
- 1.3 Quais as razões de ter sido militante do Diretório Acadêmico?
- 1.4 Que tipo de relação o Diretório Acadêmico estabelecia com a direção da Escola de Enfermagem da UFBA?
- 1.5 Qual a relação do Diretório Acadêmico com as demais estudantes de Enfermagem?
- 1.6 Quais os espaços deliberativos que o Diretório Acadêmico participava?
- 1.7 Qual era a participação do Diretório Acadêmico de Enfermagem no Diretório Central dos Estudantes (DCE)?
- 1.8 Quais os acontecimentos que viveu no período da militância no Diretório Acadêmico?(pedir para relatar o(s) episódio(s), personagens e lugares).
- 1.9 Quais os acontecimentos que ouviu contar?(pedir para relatar o(s) episódio(s), personagens e lugares).

2. DADOS REFERENTES AO CONTEÚDO DAS REUNIÕES

2. Quando é fundado o Diretório Acadêmico da Eeufba?
- 2.1 A diretora da Eeufba participou da reunião para fundação do D.A?
- 2.2 Onde ocorriam as reuniões do Diretório Acadêmico?
- 2.4 Na 1º reunião do D.A os estatutos aprovados vão ser submetidos ao Conselho. O que falava esses estatutos?
- 2.5 Quem trouxe a idéia do Estatuto. Foi D. Haydeé?
- 2.6 Na 2º sessão que data de 4 de agosto de 1947. É criado alguns as seguintes comissões para a Diretoria do D.A como: a comissão de representação, comissão científica e literária, comissão de beneficência e previdência, diversões e artes. Poderia falar um pouco de cada uma?
- 2.7 Como era feita a designação para as comissões as pessoas se candidatavam ou a diretoria do D.A que escolhia essas pessoas?
- 2.7 A comissão científica e literária fez um repasse de uma discussão que houve sobre Grécia Antiga e a comissão de arte falou da reunião sobre a vida do escritor russo Tchaikovsky. Essas discussões ocorriam sempre?
- 2.8 A diretora da Eeufba incentivou as alunas a conseguirem através dos “seus círculos de relações” doações de mais bolsas. Lembra?
- 2.9 Na 3ª reunião do D.A de 24 de fevereiro de 1948 é decidido a periodicidade das reuniões do Diretório que seriam mensais. Lembra disso?
- 3.0 Nessa mesma reunião é decidido que a recepção das novas alunas seria servido um chá seguido de música. Era sempre assim a recepção as novas estudantes?
- 3.1 existia também um curso de inglês para os membros do Diretório? A senhora lembra?
- 3.2 Sobre a questão da madrinha que cada estudante. Era só mesmo para ajudar informação sobre a vida acadêmica?
- 3.3 Na 5ª reunião do Diretório que data de 15 de abril de 1948, realizada também no Auditório do Hospital das Clínicas. Fala sobre a chapa que ia compor as eleições. Essas

pessoas que ia compor as eleições, os nomes eram encaminhados à aprovação da diretora. Era sempre assim?

3.4 lembra de algum episódio, onde seguiu a lista e aí a diretora fez alguma sugestão de mudança?

3.5 Na sexta reunião o D.A recebe um convite dos estudantes do Diretório Acadêmico da faculdade de Medicina para a discussão do passe para os Universitários. A senhora lembra desse episódio?

3.6 Na 7ª reunião, em 5 de julho de 1948, faz-se uma discussão se o entidade estudantil seria Diretório ou Associação. E disse que Associação que venceu. Então o nome, em vez de Diretório, seria Associação. Lembra?

3.7 Na 7ª reunião, também, faz um comentário sobre o Congresso de Estudante que ia ocorrer na Capital da República. Lembra desse Congresso se discutido alguma coisa, se houve alguma recomendação, orientação sobre esse Congresso?

3.8 Na 8ª reunião do Diretório Acadêmico fala sobre o repasse que D. Olga Verderese, que era Vice-diretora, do 2º Congresso de Enfermeiras Diplomadas, Poderia comentar algo?

3.9 O D.A participava das reunião da ABED?

4.0 Lembra das festas de primavera que a UEB fazia?

4.1 Na 17ª reunião do Diretório Acadêmico as estudantes são informadas sobre a vinda de um monge beneditino para o debate sobre “problemas religiosos”. Recorda?

4.2 Quem promovia essas discussões sobre questões religiosas na Escola?

4.3 Sobre o primeiro Jornal do Diretório A Medula. Poderia Comentar?

4.4 Na 35ª sessão do Diretório Acadêmico fala sobre a criação de uma loja do D.A para angariar dinheiro vendendo “os artigos que mais necessitamos na Escola”. Poderia falar sobre isso?

4.5 Na 45ª reunião do Diretório Acadêmico no dia 18 de dezembro de 1951 é feito o repasse sobre a Greve da Faculdade de Filosofia e Farmácia contra a Lei dos Deputados Pedrosa e Falcão. Em solidariedade aos estudantes dessas faculdades as estudantes de Enfermagem decidem também fazer greve. Comentários?

4.6 Na 47ª reunião do Diretório Acadêmico em 1º de março de 1952. Chega na Escola de Enfermagem uma comissão de Estudantes da U.E. B pedindo a colaboração das estudantes de Enfermagem na “Campanha do Selo”. Lembra?

4.7 Na 65ª sessão do Diretório Acadêmico em 2 de abril de 1953 são designadas algumas estudantes para trabalharem na Campanha Pro - flagelados, promovida pela UEB em solidariedade as vítimas da seca. Poderia comentar essa participação do D.A?

4.8 Na 73ª sessão do Diretório Acadêmico em 19 de agosto de 1953. O D.A recebe pedido de um engenheiro agrônomo de assinaturas dessa entidade estudantil “para um protesto contra a situação de energia elétrica na Bahia”. O D.A não aprovou. Tem alguma lembrança?

4.9 Na 79ª sessão do Diretório Acadêmico em 10 de março de 1954 uma estudante informou que as alunas que quisessem ir para o retiro do São Francisco seriam “dispensadas das atividades escolares”. Era comum essa prática?

APÊNDICE 3: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
COMUNITÁRIA
(DECOM)**

Nós, Cristina Maria Meira Melo (orientadora) e Cidia Daniela de Oliveira Pires (pesquisadora responsável), estamos convidando a senhora para participar como entrevistada da pesquisa de conclusão do curso de graduação em Enfermagem com o objetivo geral de analisar a emergência do movimento estudantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Bahia, da fundação do Diretório Acadêmico ao final da década de 50. Como objetivos específicos definimos: a) reconstituir o contexto sócio, político, econômico e cultural local e nacional da época; b) analisar a participação das militantes nas lutas estudantis e c) identificar o perfil das militantes do movimento estudantil da EEUFBA no período estudado. Os resultados obtidos com esta pesquisa também contribuirão para a construção de um documento de referência sobre a história do Diretório Acadêmico.

Se a senhora consentir, sua entrevista será gravada em fita de áudio. Após a entrevista a senhora pode solicitar para ouvir a fita e retirar e/ou acrescentar quaisquer informações. O material da gravação será arquivado pelas pesquisadoras por um período de cinco anos e após esse período, se for do seu consentimento, fará parte do acervo do futuro museu da Escola de Enfermagem da Ufba.

As pesquisadoras asseguram o seu anonimato, isto é, ninguém saberá que foi a senhora quem deu a entrevista, buscando respeitar a sua integridade intelectual, social e cultural. A senhora pode desistir ou anular este consentimento em qualquer fase da pesquisa. As pesquisadoras e as entrevistadas não serão remuneradas pela participação neste estudo. As despesas do projeto serão de responsabilidade das pesquisadoras.

No momento que houver necessidade de esclarecimento de qualquer dúvida sobre a sua participação na pesquisa, a senhora pode entrar em contato com as pesquisadoras através dos telefones (71)33295889/92475952 ou na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

Após ter sido informada sobre os objetivos da pesquisa, caso concorde em participar da entrevista, a senhora pode autorizar ou não que as informações coletadas sejam utilizadas para a construção do Trabalho de Conclusão do Curso da graduação, bem como para a divulgação dos resultados obtidos, somente para fins científicos. Sendo assim, se a senhora concordar, voluntariamente, em participar da referida investigação, assine este termo de consentimento, ficando com uma cópia do mesmo.

Salvador, ____ de _____ de 2007.

Entrevistada

Pesquisadora

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959)

GESTÃO	1947-1948	1948-1949
CARGO		
PRESIDENTE	Maria Julieta Calmon Villas-Bôas	Maria Julieta Calmon Villas-Bôas
VICE-PRESIDENTE	Marina Machado de Oliveira	Marina Machado de Oliveira
SECRETÁRIA	Leônia Melro de Freitas	Nilza Marques Maurício Garcia
TESOUREIRA	Maria José de Oliveira	Alba Gueudeville
COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DA	Julieta Calmon Villas-Bôas	Maria Julieta Calmon Villas-Bôas e Zuleica Actis Sampaio
COMISSÃO CIENTÍFICA E LITERÁRIA	Maria Ivete Ribeiro de Oliveira e Maria Helena Rezende Ribeiro	Maria Helena Rezende Ribeiro, Ambrosina Rodrigues e Celina Alcântara Pinheiro
COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA E PREVIDÊNCIA	Nilza Marques Maurício Garcia	Maria José de Oliveira, Marina Machado de Oliveira e Iraci Almeida da Silva
COMISSÃO DE DIVERSÕES E ARTES	Jamille Cabús	Jamille Cabús, Junia Nogueira Brandão e Maria Lisete de Oliveira
COMISSÃO DE ESPORTES	Stela Alves dos Santos	Leônia Melro de Freitas, Alba Gueudeville e Marizete Borja Lima
COMISSÃO DE PROPAGANDA OU DILVUGAÇÃO		Stella Alves dos Santos, Nilza Cardoso Barreto e Lenisia Costa Santos

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959). Continuação.

GESTÃO	1949-1950	1950-1951
CARGO		
PRESIDENTE	Maria Ivete Ribeiro de Oliveira	Iraides Teixeira Carvalho
VICE-PRESIDENTE	Maria dos Reis Lopes (abril a outubro) e Zilda Cotrim Fernandes (outubro a março)	Alice Calmon Villas-Bôas
SECRETÁRIA	Elza Marques de Oliveira	Lucíola Martins Santos
TESOUREIRA	Lenisia Costa Santos	Iracy Almeida Silva
COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DA	Presidente e outra associada da sua escolha	
COMISSÃO CIENTÍFICA E LITERÁRIA	Nilza Cardoso Barreto	Tereza Machado, Zenaide Oliveira Santos e Zeile Novaes
COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA E PREVIDÊNCIA	Iraci Almeida Silva	Maria Duarte, Maria José Florence e Lourdes Sá de Oliveira
COMISSÃO DE DIVERSÕES E ARTES	Júnia Nogueira Brandão	Odete Simões de Paiva, Lúcia, Tereza Matos Rebouças e Celuta Pedreira Costa
COMISSÃO DE ESPORTES	Alba Gueudeville	Maria Bernadete Ribeiro Mesquita, Alba Guedeville e Ruth Hamilton
COMISSÃO DE PROPAGANDA OU DILVUGAÇÃO	Maria Julieta Calmon Villas-Bôas	Cleusa Cardoso, Zilda Fernandes, Dina Ribeiro dos Santos
COMISSÃO SOCIAL		Odete Simões de Paiva, Livia Augusto da Silva e Lícia Almeida Pinho

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959). Continuação.

GESTÃO	1950-1951	1951-1952
CARGO		
PRESIDENTE	Iraides Teixeira Carvalho	Maria Ferreira Duarte Guimarães
VICE-PRESIDENTE	Alice Calmon Villas-Bôas	Sara
SECRETÁRIA	Lucíola Martins Santos	Magnólia Cabral Dórea
TESOUREIRA	Iracy Almeida Silva	Glacy AzevedoVieira
COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DO DA		A presidente e a oradora da turma
COMISSÃO DE CULTURA E INTERCÂMBIO	Tereza Machado, Zenaide Oliveira Santos e Zeile Novaes	Ailda, Tereza Villas-Bôas e Hyêda Maria da Gama Rigaud
COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA E PREVIDÊNCIA	Maria Duarte, Maria José Florence e Lourdes Sá de Oliveira	Sara, Marina Machado de Oliveira e Ruth Tavares
COMISSÃO DE DIVERSÕES E ARTES	Odete Simões de Paiva, Lúcia, Tereza Matos Rebouças e Celuta Pedreira Costa	
COMISSÃO DE ESPORTES	Maria Bernadete Ribeiro Mesquita, Alba Guedeville e Ruth Hamilton	Lívia, Alyde e Lícia
COMISSÃO DE PROPAGANDA OU IMPRENSA E DILVUGAÇÃO	Cleusa Cardoso, Zilda Fernandes, Dina Ribeiro dos Santos	Tereza Sena, Lourdes e Celeste G. Pereira
COMISSÃO SOCIAL	Odete Simões de Paiva, Lívia Augusto da Silva e Lícia Almeida Pinho	
COMISSÃO PARA A LOJA		Semiramis, Celeste Souza e Eunice

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959). Continuação.

GESTÃO	1953-1954
CARGO	
PRESIDENTE	Clara Koatz
VICE-PRESIDENTE	Vera Góes Cordeiro de Almeida/ Ileana Marlene Braga Veloso (Agosto/53)
SECRETÁRIA	1ª Secretária: Dinorah Tavares de Souza 2ª Secretária: Regina Araújo
TESOUREIRA	Alyde Vieira de Ramon
COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DO DA	
COMISSÃO DE CULTURA E INTERCÂMBIO	Lúcia Dias Dultra, Maria Mercês Lustosa Nogueira e Mercedes Kuark Kruschevsky
COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA E PREVIDÊNCIA	Vera Góes Cordeiro de Almeida e Ruth Guedes de Souza
COMISSÃO DE DIVERSÕES E ARTES	
COMISSÃO DE ESPORTES	Maria Giselia Borba Fróes, Maria José Hortelo de Almeida e Cylene Solange Soares Netto Kaufer
COMISSÃO DE PROPAGANDA OU IMPRENSA E DILVUGAÇÃO	
COMISSÃO SOCIAL	Eunides Ferreira de Queiroz (festa); Hyêda Maria da Gama Rigaud (passeios); Cléa de Souza Macedo (ornamentação); Ruth Prates Ribeiro (felicitações)
COMISSÃO PARA A LOJA	
COMISSÃO DE RESIDÊNCIA	Therezinha Lima Carvalho (3º andar); Maria Tereza de Barros Correia Valente (4º andar); Thereza Nogueira Libório (5º andar); Nilza Godinho de Carvalho (6º andar); Valdemira Pereira de Miranda (7º andar)
COMISSÃO DE CURRÍCULO	Maria Angélica Valverde Martins (1º ano); Beatriz de Carvalho Conceição (2º ano); Tereza Matos Rebouças (3º ano); Sara Derborindiner (4º ano)
SALA DE COSTURA E ENGOMAR	Lêda Melo
SALA DE JOGOS E DISCOTECA	Oliete Cardoso

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959). Continuação.

GESTÃO	1954-1955	1955-1956
CARGO		
PRESIDENTE	Risoleta Wanderley	Ruth Prates Ribeiro
VICE-PRESIDENTE	Ruth Prates Ribeiro	Ivone Jambeiro Gentil
SECRETÁRIA	1ª secretária: Maria Zuleide e Silva 2º Secretária: Yvone Jambeiro Gentil	Secretária Geral: Teresinha Teixeira Vieira 1º Secretária: Célia Dias Coelho 2º Secretária: Célia Villa Serra
TESOUREIRA	Maria Mercês Lustosa Nogueira	Dinorah Tavares de Souza
COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DO DA	Risoleta Wanderley e Vera Lúcia de Barreiros Brito	Ruth Prates Ribeiro
COMISSÃO DE CULTURA E INTERCÂMBIO ou COMISSÃO CIENTÍFICA E LITERATURA	Clara Koatz, Lúcia Dias Dutra, Terezinha Brito Freire e Cléa de Souza Macêdo	Teresa Ruth Pereira Pimentel, Maria Stella Galvão Sampaio e Maria Hélia de Almeida
COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA E PREVIDÊNCIA	Ruth Prates Ribeiro e Jandira Santana Santos	Ivone Jambeiro Gentil e Ailda Cunha da Mota Gesteira
COMISSÃO DE DIVERSÕES E ARTES	Maria José e Silva e Maria Luisa Velloso Pinto	Stella Maria Santos de Sena, Cylene Solange Soares Netto Kaufer e Gilka Conceição Xavier da Silveira
COMISSÃO DE ESPORTES	Marlene Provedel, Cylene Solange Soares Netto Kaufer e Maria José Cordeiro	Maria Luiza Velloso Pinto e Alda Almeida
COMISSÃO SOCIAL/FESTAS	Mirian Pereira Campos, Anaita Nunes e Beatriz Figueiredo de Farias	Regina Araújo, Anaita Nunes de Oliveira, Cecília de Araújo Regis, Hélia Guimarães, Yolanda Passos Spínola e Edna Ferreira Gomes
BIBLIOTECÁRIA	Terezinha Vieira	Aurora Leiro Vilan
COMISSÃO DE RESIDÊNCIA	Edna Ferreira Gomes (3º andar) Beatriz Figueiredo de Farias (4º andar) Beatriz de Carvalho Conceição (6º andar) Angélica Maria Marques de Sá (7º andar)	Terezinha Teixeira Vieira (7º andar) Cléa de Souza Macedo (6º andar) Gerulina Queiroz Sampaio (5º andar) Norma de Carvalho Fraga (4º andar) Nely Braga (3º andar)

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959). Continuação.

GESTÃO	1956-1957
CARGO	
PRESIDENTE	Norma de Carvalho Fraga
VICE-PRESIDENTE	Angélica Maria Marques de Sá
SECRETÁRIA	Secretária Geral: Ivone Jambeiro Gentil 1ª Secretária: Carmelia Silva Sarno 2ª Secretária: Geralda da Silva Rolim
TESOUREIRA	Maria Stella Galvão Sampaio
COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DO DA	Norma de Carvalho Fraga e Maria de Lourdes Café
COMISSÃO DE CULTURA E INTERCÂMBIO ou COMISSÃO CIENTÍFICA E LITERATURA	Tereza Ruth Pereira Pimentel, Maria Cyra Souto e Maria da Luz Barbosa
COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA E PREVIDÊNCIA	
COMISSÃO DE DIVERSÕES E ARTES	Aurora Leiro Vilan, Amasilia Maria Marques de Sá e Angelina Rossi
COMISSÃO DE ESPORTES	Tania Irismar Ramos Vale, Célia Vila Serra e Oscarlinda Medrado Mendes
COMISSÃO SOCIAL/FESTAS	
BIBLIOTECÁRIA	Maria do Rosário Nobre de Oliveira
COMISSÃO DE RESIDÊNCIA	Amabel Bottas Carneiro de Campos (3º andar) Yolanda Passos Spínola (4º andar) Carmem Alves de Souza (5º andar) Esther Maria Bittencourt (6º andar) Angélica Martins (7º andar)

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959). Continuação.

GESTÃO	1957-1958	1958-1959
CARGO		
PRESIDENTE	Maria Silva Lessa Santos	Yami Coelho Campinho
VICE-PRESIDENTE	Yami Coelho Campinho	Maria Madalena Calmon Moriondo
SECRETÁRIA	Geral: Esther Maria Bittencourt 1ª Secretária: Eugênia Queiroz 2ª Secretária: Madalena Calmon	Geral: Nadir Ramos 1ª Secretária: Beatriz Kanark Kuschewsky
TESOUREIRA	Maria do Rosário Barbosa Nogueira	Tereza Rodrigues de Macêdo
COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DA		Anneliese Jardim
COMISSÃO DE CULTURA E INTERCÂMBIO ou COMISSÃO CIENTÍFICA E LITERATURA	Ailda Cunha da Motta Gesteira	Daisy Shureb (1º ano), Tereza Vivas (2º ano) e Geralda da Silva Rolim(3º ano)
COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA E PREVIDÊNCIA		Solange Santos Jasmin(1º ano), Maria Madalena Calmon Moriondo (2º ano) e Celeste (3º ano)
COMISSÃO DE DIVERSÕES E ARTES		Creuza (1º ano), Lúcia (2º ano) e Oscarlinda Medrado Mendes (3º ano)
COMISSÃO DE ESPORTES	Angelina Rossi	Maria Silva (1º ano), Mirlene Soares Feitosa (2º ano) e Angelina Rossi (3º ano)
COMISSÃO DE PROPAGANDA OU IMPRENSA E DILVUGAÇÃO		Dinalva Teixeira Meira (1º ano), Eugênia Maria Bastos Queiroz (2º ano) e Maria José Ribeiro (3º ano)
COMISSÃO SOCIAL/FESTAS	Angélica Maria Marques de Sá	
BIBLIOTECÁRIA	Geralda da Silva Rolim	Maria Madalena Coelho Pereira Caldas
COMISSÃO DE RESIDÊNCIA	Marline Galvão de Souza e Maria Madalena C. Moreira Caldas (3ª andar) Solange Moraes Casé, Amasilia Maria Marques de Sá e Margarida (6º andar) Ivone Jambeiro Gentil (7º andar)	Euridice da Silva Nunes (3º andar) Lialva Brito de Souza (4º andar) Deltrudes do Espírito Santos (5º andar) Solange Santos Jasmin (6º andar) Nadir Ramos (7º andar)

APÊNDICE 4: GESTÕES DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL BAHIA REGISTRADAS EM ATAS (1947-1959). Continuação.

GESTÃO	1959-1960 (a partir de abril)
CARGO	
PRESIDENTE	Eugênia Maria Bastos Queiroz
VICE-PRESIDENTE	Beatriz Kanark Kruschewsky
SECRETÁRIA	Geral: Marline Galvão de Souza 1º Secretária: Marilene Bacelar
TESOUREIRA	Edeltrudes do Espírito Santo
BIBLIOTECÁRIA	Dinalva Teixeira Meira